

Rev.

1195



ANO LXIX

— N.º 1 —

JANEIRO DE 1917

Revista Militar

2.^a Época

FUSÃO da Revista Militar, Revista do Exercito e da Armada
Revista da Administração Militar e Portugal Militar



DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

9 — Largo da Anunciada — 9

TIP. UNIVERSAL — Rua Diario de Noticias, 110

LISBOA

Cargos para 1917

MESA DA ASSEMBLEA GERAL

PRESIDENTE

General Fernando Larcher

VICE-PRESIDENTE

Coronel José Joaquim Mendes Leal

SECRETARIOS

Tenente coronel João Baptista da Rocha Grillo
Capitão Fernando Augusto Freiria.

DIRECCÃO

PRESIDENTE

General de divisão José Estevão Moraes Sarmento

VOGAIS EFECTIVOS

General João Martins de Carvalho
Coronel José Nunes Gonçalves
Coronel Luis Henrique Pacheco Simões
Tenente coronel José Justino Teixeira Botelho
Major Julio Ernesto de Moraes Sarmento
1.º tenente Joaquim Anselmo da Matta e Oliveira
Capitão Luiz Augusto Ferreira Martins.
Capitão Alberto David Branquinho.

SECRETARIO

Major Rodolpho Ferreira Dias Guimarães

VOGAIS SUPLENTES

Capitão de fragata Pedro Guilherme dos Santos Diniz
Capitão Henrique Linhares de Lima
Capitão Raul Augusto Esteves

CONSELHO FISCAL

VOGAIS EFECTIVOS

Coronel José Joaquim Mendes Leal
Capitão de fragata Victorino Gomes da Costa
Major Luiz de Mello e Athayde

VOGAL SUPLENTE

Major Arthur Ivens Ferraz

Empreza da REVISTA MILITAR

SOCIOS HONORARIOS

Sebastião Custodio de Souza Telles
General de divisão

José Augusto Alves Roçadas
Coronel do serviço do estado maior

SOCIOS EFECTIVOS

Francisco J. Ferreira do Amaral
Vice-almirante

João C. Rodrigues da Costa
General de divisão

Carlos Roma du Bocage
General de divisão

José Estevão de Moraes Sarmiento
General de divisão

José Fernandes da Costa Junior
General de brigada

João Serras Conceição
General de brigada

Alfredo de A. Lopes de Macedo
General de brigada

João Martins de Carvalho
General

Fernando Larcher
General

José Cezar Ferreira Gil
General

Luiz Antonio Alves Leitão
Coronel

José Joaquim de Castro
Coronel

Alexandre José Sarsfield
Coronel

Victoriano José Cesar
Coronel do serviço do est. maior

José Nunes Gonçalves
Coronel d'artilharia

Luiz Henriques Pacheco Simões
Coronel

Francisco Xavier Corrêa Mendes
Coronel do serviço do est. maior

José Joaquim Mendes Leal
Coronel d'infantaria

Guilherme de Campos Gonzaga
Coronel d'artilharia

Pedro Guilherme dos Santos Diniz
Capitão de fragata

Augusto Ramos da Costa
Capitão de fragata

Victorino Gomes da Costa
Capitão de fragata

Luiz Antonio de Vasconcellos Dias
Tenente coronel da adm. militar

João Baptista da Rocha Grillo
Tenente coronel

José Justino Teixeira Botelho
Tenente coronel d'artilharia

João Ortigão Peres
Ten. cor. d'inf. e do serviço do est. maior

Antonio José de Mello
Major

Rodolpho Ferreira Dias Guimarães
Major d'engenharia

Luiz de Mello e Athayde
Major d'infantaria

Julio Ernesto de Moraes Sarmiento
Major de cav. e do serv. do est. maior

Arthur Ivens Ferraz
Major d'artilharia e do serv. do est. maior

Joaquim A. da Matta e Oliveira
1.º tenente da armada

José Ferreira Martins
Capitão

Alberto David Branquinho
Capitão da adm. militar

Fernando Augusto Freiria
Capitão d'art. e do serv. do est. maior

Henrique Linhares de Lima
Capitão da adm. militar

Luiz A. Ferreira Martins
Cap. d'art. e do serv. do est. maior

Raul Augusto Esteves
Capitão de engenharia

Manoel da Costa Dias
Capitão da adm. militar

David João Gonçalves Magno
Capitão d'infantaria

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 1

Janeiro de 1917

Ano LXIX

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 110 — Lisboa

REORGANIZAÇÃO DO EXERCITO ESPANHOL

A guerra vai no decurso do terceiro ano de existencia, e a historia não regista outra epoca em que as sciencias e as industrias, postas ao seu serviço, hajam revolucionado mais profundamente a arte de combater.

A evolução, que tem sido operada, é tão vasta e profunda que se deve prevêr, sem risco de errar, que, quando a luta actual findar, as nações terão de reformar completamente, não só as instituições militares, como a respectiva organização industrial, sacrificando simultaneamente muitas doutrinas sociais, embora generosas.

As fantasias e teorias mais ou menos engenhosas dos filantropos, que anunciavam o advento da paz universal, foram das primeiras victimas da horrosa tragedia, a que estamos assistindo. As leis inexoraveis da natureza, que determinam a subordinação de todos os seres vivos á luta universal, têm tido uma evidenciação tão completa, que não ha cegos nem surdos, que agora as possam reflectidamente negar.

Da guerra presente, qualquer que seja o grupo de nações triunfante, hão de redundar, efectivamente, mais vivos e rancorosos do que jámais o estiveram, os sentimentos e ideias que definem a constituição mental das varias raças, que no presente momento se degladiam entre si, caracteres especificos esses que sempre cavaram entre elas profundas incompatibilidades.

A sêde ardente da vingança ha de dominar por algumas gerações tão ardentemente os vencidos, como o proposito de

esmagar estes nas lutas incruentas da paz dominará paralelamente os vencedores.

Não devaniamos ao emitir tal asserção, porque a deduzimos dos propositos que varias chancelarias das nações combatentes abrigam, sem reбуço de especie alguma, antes em tom altísono, convocando para congressos e conferencias os representantes dos seus aliados, afim de com eles estudarem os meios praticos de, finda a guerra sanguinaria, continuarem outra luta destruidora, qual a de aniquilar inteiramente as forças vivas dos adversarios por meio de bloqueios e entraves comerciais, que façam desfalecer e aniquilar essas forças pela falta da seiva indispensavel á sua existencia.

Se tal concepção fôr viavel, e vier a ter execução real, com a mais subida revelação da natureza instintivamente combativa do homem, que nem no momento de limpar as armas tintas do sangue do inimigo cessa de pensar na sua destruição absoluta, ter-se-ha conseguido o processo seguro de reacender e levar á supereminencia o já poderoso fóco de rancores existentes no espirito das varias raças rivais, ao qual precedentemente se fez alusão.

Não modificará a evolução de tais propositos a realidade da previsão, por muitos alimentada, de não virem a haver vencedores nem vencidos na guerra presente, e desta terminar pelo esgotamento das forças materiais e morais dos lutadores. Antes, pelo contrario, os odios ressurgiriam nesta hipótese não menos intensos e profundos, porque nem sequer poderiam ser temperados, para um dos grupos de nações coligadas, pelo espirito de generosidade, que é peculiar dos triunfadôres, dotados de grandeza de animo.

Por mais suasórios que sejam os argumentos dos que não acreditam no triunfo de qualquer dos contendôres, não póde, porém, alimentar este pensamento uma nação que, como a nossa, se encontra envolvida na guerra, e cujos contingentes armados se preparam no presente momento para seguir para os campos de batalha europeus. Com êles vão os votos arden-tes de todos os verdadeiros patriotas, para que tenham ocasião de levantar bem alto o prestigio da Patria, demonstrando que a raça presente é a digna continuadôra dos ancestrais, que firmaram a bandeira nacional nas mais afastadas regiões do globo, sem que houvessem sacrificios ou perigos, que os deti-

vessem nos seus audaciosos empreendimentos, e que jamais trepidaram em cumprir o dever civico, nem sequer perante os incessantes triunfos alcançados pelo maior dos capitães, que a historia militar consagra.

Não basta, comtudo, fazer votos pelo triunfo dos expedicionários para que hajam cumprido esse dever os que não podem ter a gloria de representar a alma nacional em qualquer dos teatros da guerra. Quem quer que sinta a existencia dentro de si dos sãos caracteres especificos da raça, e seja qual fôr o campo da sua actividade, tem de contribuir, nesta hora de perigos, com o proprio esforço intelectual, material ou moral, não só para o triunfo das armas das nações aliadas, mas para o ressurgimento de uma Patria, que multiplices erros e causas de dissolução, vindas de longe, lançaram no atraso civilisadôr e no desalento moral, que tanto nos consome.

Portanto, que os sãos de corpo se preparem devidamente para levar o esforço do braço e do espirito aos campos de batalha, quando ali sejam chamados, e que os que ficarem, violentados pela debilidade, anormalidade de constituição física ou pelo adeantado da vida, façam convergir a actividade, de que ainda possam dispôr, para auxiliar por todos os modos possiveis a conquista da vitória ou o cobiçado rejuvenescimento patrio, tal é o escopo a que deve mirar no presente momento todo o movimento patriotico nacional.

De varios modos pôde ser executada tão alevantada missão, e não será dos menos uteis, para os que outros subsidios não possuem para ofertar, coligir elementos sãos e reflectidos para a empreza da restauração das forças vivas da nação, de modo a organizar bases solidas e meditadas, para que ela possa ser obtida celere e eficazmente, logo a seguir ao advento da paz geral.

Ora, se mais do que nunca factos da maior evidencia estão demonstrando a verdade do outrora contestado postulado, de ser — «a guerra a historia dos homens e a paz o sonho dos sabios» —, pensemos, desde já, entre as questões vitais cujo adiamento representa erro fatal, na conveniente remodelação das nossas instituições militares, de modo que elas possam oferecer a segurança de ser rapida e eficazmente utilizadas, quer na defesa do proprio territorio, quer no cumprimento dos deveres da aliança, que tivermos assegurado, visto as pequenas naciona-

lidades terem tido a demonstração cabal, nos exemplos do ocorrido com a Belgica, a Servia, o Montenegro e outros países, e em factos da nossa propria historia, de que não é neutro quem o quer ser, mas sómente quem dispõe da força necessaria para se tornar temido.

Querem as palavras, que ficam escritas, significar que devemos efectuar desde já uma reorganização militar? Não; porque tal facto seria o desconhecimento daquela eterna verdade, afirmativa de ser qualquer organização subsistente, por mais defeituosa, melhor para proseguir na guerra do que a mais perfeita concepção, que a possa substituir.

Mas, o que devemos, é ir reunindo cuidadosamente a lição dos factos ocorrentes e dos oferecidos pela guerra actual, que tenham influencia decisiva na resolução das questões organicas, para oportunamente ser aproveitada nessa obra nacional de reconstrução defensiva, que deve ser isenta de preocupações de qualquer ordem. Antecedeu-nos em tal proposito o reino vizinho, o que aumenta a oportunidade do estudo, que deixamos preconizado, porquanto a defesa dos Estados não deve ser resolvida sob o ponto de vista exclusivo das conveniencias intrinsecas, devendo sê-lo igualmente, não só em relação aos recursos ofensivos de que disponham os países lemitrofes, com os quais mais facilmente se podem produzir os *casus belli*, como ás exigencias das alianças contraídas e ás condições geograficas da nação.

Demais, a projectada obra da reorganização do exercito espanhol oferece tantos casos dignos de atenção e de reflectido exame, que procedimento inconsiderado, quando não anti-patriotico, seria o acto de o deixar passar despercebido, aparentando uma indiferença, que não seria mais do que inconsciência.

Em primeiro lugar, mostra-se que esse trabalho não representa orientação individual ou sectarista, antes pelo contrario, constitui larga colaboração de notaveis estadistas e das autoridades e corporações a quem incumbe, tanto a preparação politica como a militar da guerra, o que é absolutamente curial, dando simultaneamente maior solidez ao edificio, que se pretende construir.

Para que assim tenha sucedido, muito concorreu o facto de haver sido no parlamento, que a questão da necessidade

da reorganização militar foi levantada, sendo ali imposta á situação presidida pelo sr. Dato, que então ocupava os bancos ministeriais, o dever de estudar com a maior urgencia o problema. Pouco sobreviveu a tal imposição aquele gabinete, e, consequentemente, foi ao que ocupa agora os bancos do poder, da presidencia do sr. Conde de Romanones, a quem coube efectivar a obra recomendada, embora o parlamento, que o fez, houvesse sido dissolvido. A situação actual entendeu, e bem, que as missões patrioticas encetadas pelos legitimos representantes do país, não devem ter soluções de continuidade, embora as colectividades iniciadoras hajam sido substituidas.

Ao sobraçar a pasta da guerra, no actual gabinete, o general Agostinho Luque tratou immediatamente, portanto, de promover a execução do trabalho recomendado, nos termos em que o foi, isto é, com um caracter por tal modo nacional, que nele se não podesse descobrir qualquer imposição individual ou partidaria. Para esse fim, deu nova forma á Junta de Defesa Nacional, organismo equivalente ao nosso Conselho Superior de Defesa Nacional, aumentando a sua capacidade tecnica, com asseguração da continuidade do seu criterio, e restaurou o Estado Maior Central, anteriormente dissolvido, incumbindo depois áquella Junta a missão de — «con juicio colectivo e independencia de opiniones» — formular as bases em que a reorganização a empreender havia de assentar, as quais deviam ser subseqüentemente remetidas ao referido Estado Maior, para que este as desenvolvesse em um projecto de lei, destinado a ser submetido á resolução do parlamento.

A Junta de Defesa Nacional havia sido creada pelo Decreto de 30 de março de 1907, com o intuito de unificar a acção dos elementos do exercito e da marinha na obra da organização da referida defesa. Esta missão foi considerada insufficiente, no momento actual, em que a marcha progressiva da sciencia da guerra aconselha uma notavel revolução nas instituições militares, e por isso foi completada pelo Decreto de 23 de janeiro de 1916, referendado pelo chefe do governo, que conferiu ao dito organismo, como se lê no relatorio preambular, a atribuição de — «supremo definidor de nuestro plan de defensa, para que determine cuál ha de ser dicha orientación y cuáles serán, con arreglo á ella, las modificaciones y progres-

sos de la mencionada ciencia que queden aceptarse para mejorar nuestros elementos armados" —. Mas a constituição anterior da Junta não correspondia ainda a outro levantado critério, ao qual se pretendia subordinar a obra a realizar, e este era o de assegurar a estabilidade das novas reformas através de quaisquer modificações políticas ocorrentes. Por outro lado, aquela constituição carecia de suficientes elementos técnicos para devidamente orientarem os assuntos. Afim de ocorrer ás deficiências acusadas, foi elaborado o novo diploma, cujo pensamento fundamental está devida e claramente sumariado nas seguintes palavras, contidas no seu preambulo: — "si à la Junta de Defensa se llevan las personalidades más influyentes en el Gobierno de la Nación y las más altas representaciones del Ejército y de la Armada, con el concurso unas y otras de su saber, experiencia y elevada categoría, se robustecerán las decisiones de aquélla y se conseguirá la tan deseada inmutabilidad en la vida de los elementos armados" —.

Assim, a Junta passou a ser constituída: pelo Presidente do Conselho de Ministros, Ministros da Guerra e da Marinha, Chefes dos Estados Maiores do Exercito e da Armada, ex-presidentes do Conselho de Ministros, cujo numero não exceda a quatro, um Capitão General do Exercito e outro da Armada e o general Segundo Chefe do Estado Maior Central de Exercito, que exerce as funções de Secretario da Junta, sem voz nem voto.

Como era logico, ao dar cumprimento ao Decreto em questão, o governo teve o cuidado de nomear para tomarem parte na nova Junta os ex-presidentes de Conselhos de Ministros, que mais alta influencia gosam na politica do país, donde resultou haver sido acolhido com manifestas simpatias o projecto de lei organico, em cujas bases essas individualidades haviam colaborado, oferecendo assim o trabalho executado grande viabilidade, por quanto as principais divergencias, que se produzirão na respectiva discussão parlamentar, devem consistir apenas em questões de desenvolvimento das ditas bases, de secundaria importancia, como já pelos chefes das diversas parcialidades politicas foi declarado no parlamento.

Nas colunas deste mesmo jornal¹ expoz, em tempo, o au-

¹ *Revista Militar*, n.ºs 3 e 4, de março e abril de 1907, nos artigos intitulados: *Defesa Nacional — Preparação politica da Guerra*.

tor da presente estudo a doutrina, que justifica a separação dos trabalhos de preparação da guerra em dois ramos bem distintos: a preparação política e a preparação militar. Sendo a guerra um instrumento político, segundo confirmam abalizados escritores, entre os quais Clausewitz, e competindo á Politica, no sentido scientifico da palavra, a direcção da guerra, pois que a precede, acompanha e lhe põe termo, torna-se evidente, por este motivo, que assim como as armadas e os exercitos necessitam de larga acção de preparação para atingirem a maxima eficiência, tambem dela careça a Politica para conseguir identico resultado. A preparação politica da guerra constitui, portanto, a estrategia do Estado, e, quando ela não existe, sucede a este o mesmo que aos exercitos, que marcham para o teatro da guerra sem plano preconcebido de campanha, que é o desastre.

Não se póde asseverar que á nova Junta da Defesa Nacional do país visinho ficasse competindo toda a missão constitutiva da preparação politica da guerra, mas não deixa de ser indubitavel que lhe coube uma parte importante dela, sem prejuízo da que é indeclinável dos altos poderes do Estado.

A preparação militar da guerra ficou mais directamente a cargo de outro organismo diferente, cuja restauração foi levada a efeito, simultaneamente com a organização da Junta, posto que em diploma diferente. Referimos-nos ao Estado Maior Central do Exercito, que já tivera existencia, em 1904, mas que o proprio Ministro da Guerra, que agora lhe ministrou a ressurreição, se viu obrigado a suspender, não ha muitos anos, quando gerira a pasta da guerra, por se haver tornado um fóco de dificuldades para a acção ministerial, devido a não haverem sido precisamente diferenciadas, no seu inicio, as atribuições respectivas aos dois elementos pleitantes.

Essa supressão foi logo acolhida desfavoravelmente pela opinião, e, quando recentemente foi discutida no parlamento a questão organico-militar, com um espirito patriótico, isenção de paixões politicas e senso pratico dignos de serem imitados em outras nações, e que o actual gabinete soube aproveitar habilmente, como vamos demonstrando, com rara unanimidade foi por todos os oradores notada a falta consideravel, que a eliminação daquele organismo deixára nas instituições militares. O general Agostinho Luque, com uma no-

breza de espirito, que o honra, reconhecendo a razão das criticas produzidas, emendou sem perda de tempo o seu procedimento, restaurando o Estado Maior Central, dando assim o primeiro exemplo de conciliação para conseguir a mais completa unidade de vistas na obra da reconstituição do poder militar.

Mais ainda. Conformando-se com os desejos manifestados pela Camara dos Deputados, de que fosse confiada ao dito Estado Maior restaurado a ardua missão da reorganização militar, o ministro, ao cumprir essa aspiração, empenhou-se em assegurar áquele organismo robusta vida, definindo-lhe horizontes autonomos e completa harmonia de convivencia com os demais elementos directivos, sem correr risco de vir a ser contaminado pela politica partidaria.

Começou por consignar que o Estado Maior, embora formando parte da Administração Central da Guerra e sob a autoridade do Ministro, seria um organismo com inteira independencia e separação da respectiva Secretaria de Estado, gozando de um character tecnico com exclusão de toda a classe de funções executivas ou de comando em tempo de paz. O seu fim inicial e immediato seria o estudo, preparação e desenvolvimento do plano organico do exercito, seguindo, para esse fim, as inspirações da Junta da Defesa Nacional, tendo como missão normal e permanente manter essa organização com character fixo, melhorando-a em conformidade com o progresso militar, e a previsão de todas as medidas necessarias para mobilizar o exercito, dirigi-lo em campanha e prepara-lo para esta.

Em caso de guerra, e desde o momento em que seja decretada a mobilização, o Estado Maior Central assumirá então atribuições executivas para a direcção das operações militares, de conformidade com os estudos e planos, que tenho preparado na paz.

Deve ele ainda estar em constante comunicação com o Estado Maior da Armada para a preparação dos transportes maritimos de forças do exercito, no caso de serem necessarios, para a defesa das praças maritimas e, em geral, para o estudo de todos os planos militares, que exijam o concurso das forças de mar e terra.

O comando e direcção do dito organismo deve ser exercido por um Capitão ou Tenente general, nomeado por De-

creto acordado em Conselho de Ministros, ao qual competirá o exercício do alto comando em toda a guerra regular, ou para servir o cargo do Chefe de Estado Maior General do Exercito, quando o Rei assuma o comando das tropas.

Do pessoal do quadro do Estado Maior Central formarão sempre parte os oficiais, que hajam de formar com o chefe supremo o grupo de campanha, destinado a constituir a base do Estado Maior do Exercito na guerra, nas manobras ou em ensaios de mobilização e requisição, de modo que, ao entrar nas novas funções, este grupo compreenda todas as especiais competencias, sem prejuizo da organização permanente do Estado Maior Central, que continuará colaborando com o Ministro, sem que se quebre a continuidade de qualquer dos serviços militares.

No cuidado em assegurar a conveniente preparação da guerra, o diploma, que deu vida ao Estado Maior Central, determinou que, reservadamente, fossem designados pelo Governo, mas de acordo com aquele, não só os generais que exercerão o comando dos exercitos ou corpos de exercito em campanha, como os oficiais que deverão constituir a base dos respectivos estados maiores, de modo a facilitar que esses varios elementos possam manter-se em constante comunicação, podendo até serem reunidos em Junta, quando se torne necessario.

Não oferecem novidade estes moldes gerais a que obedece a referida constituição do Estado Maior Central, que são peculiares a outros dos principais exercitos europeus, como ainda nas colunas deste jornal ficou em tempo exarado¹. Os topicos agora citados foram-o, porém, como o intuito exclusivo de demonstrar, que o governo procurou seguir os referidos moldes, tendo apenas o cuidado de procurar evitar em disposições especiais, ociosas para a ideia que preside á elaboração do presente estudo, a possibilidade de toda a tentativa de embaraço á acção ministerial na administração do exercito, em tempo de paz, como em tempos passados havia sucedido.

Espirito culto, soldado experimentado, quer nos trabalhos de gabinete, quer nos perigos da guerra, homem da sua epoca, convicto de que a ampla liberdade de discussão é o meio

¹ *Revista Militar*, n.º 10, de outubro de 1908, n.º 4, de abril de 1909 e n.º 7, de julho deste mesmo ano.

mais seguro de conseguir preparar reformas uteis, que sejam cumpridas e abraçadas sem desconfiança ou hostilidade pela nação e pelos interessados, o sr. General Agostinho Luque, que se orgulha com justo fundamento do procedimento que tem seguido na preparação da reorganização do exercito, quiz levar até aos maiores extremos a recomendação, que o parlamento lhe fizera, de preparar uma reforma na qual tivessem a mais ampla colaboração todos os que, ou pela cultura, ou pela experiencia propria, se sentissem com forças para prestar esse serviço á defesa nacional. Assim, depois de confiar a institutos autonomos a elaboração da reforma militar, concluida que esta foi, fez imprimir os trabalhos executados pela Junta da Defesa Nacional e pelo Estado Maior Central, que constituem um volume de 260 paginas, acompanhados de todos os elementos de informação em que foram baseados, volume que distribuiu no interregno parlamentar por todos os senadores e deputados, para que — «hagan de esta materia un acabado estudio, que facilite su trabajo en las Cortes cuando el proyecto se presente a su aprobación» —.

Não teve essa distribuição caracter reservado para os legisladores a quem competirá apreciar a reforma, porquanto sem maiores dificuldades o volume aludido póde ser adquirido pelos estudiosos, como sucedeu a alguns dos nossos compatriotas e ainda ao proprio autor das presentes linhas.

Nesta ampla liberdade de apreciação, oferecida não só aos representantes da Nação, mas ainda a todos os patriotas devotados ao engrandecimento da sua Patria, têm que aprender os países que evitam cautelosamente a luz da critica, no que se refere a assuntos de defesa nacional, sem distinguir entre os trabalhos naturalmente reservados de preparação militar e os que, como as reformas organicas, tudo têm a ganhar com a maior amplitude de apreciação. Só em tempo de guerra se justifica a reserva nas providencias de ocasião, porque nesses momentos angustiosos a applicação do conhecido proloquio, que afirma ser de prata a palavra e de ouro o silencio, se impõe como dura necessidade.

A lição eloquente dos factos demonstra, na verdade, que as reformas organicas, quando urdidas sómente na clausura de um gabinete, e por maior valia profissional que demonstram nos seus autores, se não tiverem sido sacudidas pela

fertilizadôra aragem da critica, correm o perigo de se tornarem, quando menos, inapplicaveis no momento solene e angustioso da guerra, obrigando assim os poderes publicos a substitui-las por providencias de ocasião, o que representa sempre um processo perigoso de administração.

A acção vivificante da critica ilustrada e imparcial jámais prejudica as reformas concebidas, seja qual fôr o ramo de actividade a que pertençam. Pelo contrario, desbrava-lhes as arestas e amacia-lhes o contacto, preparando-as para que a opinião as receba, quando não prasenteiramente, ao menos sem reluctancias sempre prejudiciais. Só as providencias que se acordem com o sentir e os costumes nacionais oferecem condições de longividade. Desde que Horacio escreveu,

Quid leges sine moribus

Vanae proficiunt?

a acção do tempo não tem deixado de sancionar a asserção, que estas palavras condensam.

O *argumentum baculinum* não cria convicções, antes faz brotar hostilidades no proprio meio menos propicio á cultura de irreverencias. A arvore da Liberdade é a que oferece nas varias circumstancias da vida sombras mais uteis e reparadôras, e os reformadores, que a ela se acolhem dominados por um largo espirito de tolerancia, ou terminam por triunfar, se têm por si a razão, ou no proprio naufragio das suas projectadas concepções encontram para elas a morte mais honrosa, e para as suas justas vaidades o sacrificio menos dolorôso, por ser sempre a contradita da opinião, quando técnica e sincera, preito de consideração, e menos cruciante do que a decepção dos factos o proprio revés, que aquella por ventura acarrete.

Com levantado e exemplar criterio procedeu, portanto, o sr. General Agostinho Luque entregando á previa apreciação da opinião publica a projectada obra da reforma das instituições militares nacionais, depois de haver procedido com a maxima isenção, não só desprendendo-se de intervir directamente na sua preparação, mas chamando para esta missão os representantes mais autorizados das diversas parcialidades politicas, afóra os técnicos mais illustres e competentes. Donde resultou, que os projectos elaborados foram recebidos sem incitamento de pai-

xões, sendo friamente considerados, segundo os especiais criterios individuais, mas sem que qualquer dos partidos existentes haja levantado em som de guerra o pendão contra o trabalho produzido.

Eis uma das lições oferecidas pela obra em preparação da remodelação das instituições militares do reino visinho, que convém não deixar esquecida no presente momento, em que de primeira necessidade se torna, em todos os países, ouvir o parecer da opinião em todos os assuntos, que tenham incontestavel influencia na revivescencia da vida nacional.

Outras lições oferece ainda essa obra, que subseqüentemente serão citadas e apreciadas, por não permitir a brevidade do espaço disponivel regista-las neste momento.

Mas, o que já fica apontado, constitui materia digna de ser meditada por aqueles, que têm na aspiração da grandeza da Patria o principal estímulo dos seus actos publicos. O momento não é para expansões de arrebatamento, mas para concentração do espirito, no intento de descobrir o caminho que mais pronta e seguramente nos encaminhe ao porto de salvação, e para o esforço da vontade reflectida, no proposito de o trilhar atravez de todos os obstaculos. Que a situação é a mais grave, disse-o em telegrama, que a imprensa diaria reproduziu¹ o chefe do ministerio sr. Dr. Antonio José de Almeida, quando, dirigindo-se aos seus correlegionarios de Guimarães, se felicitou — “por sentir ao seu lado tão leais, valorosos e honrados cooperadores numa obra, que é justa e sagrada, porque ela simboliza a **Salvação da Patria que está em perigo**”.

Quando o brado de — **Alerta!** — assim parte da mais autorisada das fontes para o erguer, a aspirada salvação só póde provir do ressurgimento dos caracteres especificos da raça, aos quais se deve exclusivamente o triunfo obtido em outras vicissitudes não menos terriveis, porque a Patria tem passado. Os actos e palavras dos poderes publicos têm assinalada importancia para o conseguimento da anhelada salvação, mas serão por si só inteiramente impotentes, quando não consigam despertar a nação da terrivel e mortifera modorra, que a avassalou.

Urge fazer compreender que é o caracter do povo, e não

¹ *Republica*, n.º 2115, de 27 de novembro de 1916.

a intelligencia, quem determina a sua evolução na historia e regula os seus destinos. Só pela perseverança, pela energia, pela invencivel tenacidade, pelo mais levantado patriotismo, pelo inviolavel respeito ás leis, se conseguirá vencer as grandes e inumeras difficuldades, que de todos os lados nos asse- diam.

Se os exemplos numerosos, que a historia regista, não bastassem para o confirmar, lançando os olhos para os teatros da guerra actual e reflectindo breves momentos, chegar-se-ia á mesma conclusão. Efectivamente, é pelas grandes virtudes do character dos seus habitantes, e só por elas, que a Inglaterra e a França têm conseguido deter a marcha avassaladôra, e colocar em grandes difficuldades, o colossal poder militar representado nos Imperios centrais, poder constituido durante longos anos de preparação tão reflectida como tenaz e ousada. O desprendimento com que aquellas duas nações aliadas encararam nos ultimos anos o problema militar, dando acolhida ás fantasias e engenhosas, mas dissolventes, teorias dos filantropos, tem sido duramente expiado, e foi sómente nas másculas qualidades especificas das respectivas raças, que ambos aqueles países encontraram o poder de resistencia capaz pôr em cheque a acção dos adversarios.

O talento e cultura dos seus estadistas e generais têm larga representação nos resultados colhidos, mas estes seriam inteiramente nulos, apesar da existencia dos primeiros, se o character das raças anglo-saxonia e gaulesa não houvesse constituido a principal móla de resistencia oposta á invasão germanica.

Acordêmos igualmente a alma nacional, porque será ella a unica fonte de onde pôde brotar a salvação, que pretendemos. Mas esta aspiração não se conseguirá sómente com a propaganda pela palavra, quando esta não seja reforçada com uma larga politica de acalmação e de fecunda actividade, preparando um meio em que todos os portuguezes se possam dar fraternalmente as mãos, esquecendo, durante o tempo que para tanto seja mister, as preoccupações sectaristas. Substituamos estas pelas preoccupações exclusivamente patrioticas, arrojem-nos todos ardentemente ao trabalho vivificadôr, certos de que sómente por elle, quando convenientemente orientado, se conseguirá o despertamento das qualidades especificas do cara-

cter nacional, a quem devemos essencialmente o triunfo, outra vês o repetimos, em epocas não menos dificeis da nossa historia do que aquêla que estamos atravessando. Se a Patria está em perigo, como afirma o chefe do ministerio, a salvação depende, sobretudo, do ressurgimento de uma firme vontade nacional.

General MORAIS SARMENTO.



O FACTOR MORAL, NO EXITO DA GUERRA

Múltiplos, sem duvida, serão os ensinamentos que a formidável guerra actual há de ministrar em todos os ramos do saber humano. Não é só a arte militar que depois de serenados os ânimos — quando se chegará a isso?! — deve sofrer uma remodelação completa, na tática, na estratégia, na poliorcética, na administração. E' também a indústria em geral, que para acudir á inesperada procura de artefactos de todo o genero, mas especialmente de armas e munições, teve já de refundir inteiramente, em toda a parte, os seus processos e a sua organização. E' a medicina, tanto na arte de curar como na de reeducar e protesiar os mutilados. E' a diplomacia, cujo fracasso patente e repetido durante quasi todas as fases desta guerra, mostra bem que as orientações em que se norteava tem de desaparecer e ser substituidas por outras mais eficazes, sob pena de perderem toda a razão de ser. E' a sciencia social, e a politica interna dos Estados que — a exemplo do que a Inglaterra teve de iniciar já durante as proprias horas do perigo — precisam renovar-se nos seus processos, na sua índole, na sua propria essência.

Mas entre o conjunto desses e de tantos outros ensinamentos, um sobretudo ha de sobrelevar a todos, e influir de futuro, mais do que nunca, na politica em geral, e nas contendas diplomaticas. E' o que deriva da influência decisiva que na marcha geral dos acontecimentos tem tido, desde a origem desta guerra, os factores morais da mentalidade do soldado, e da opinião pública dos países beligerantes. Quem diria, há alguns anos, que a Inglaterra evidentemente pacifista, se lançaria numa tremenda aventura guerreira, e que para a sustentar com honra teria de recorrer a essa *ultima ratio* de tornar obrigatorio o serviço militar, em contradição com tudo quanto a sua índole e a sua educação politica nos fazia prever? Quem

diria tampouco que a França, no pendor em que se deixava resvalar de varias doutrinas dissolventes, avessas ao patriotismo, e à tradição, as havia de anular e sacudir de si, retomando com entusiasmo o character heroico, cavaleiroso, disciplinado e soffredor que parece consubstanciar cada francês na mística personalidade da immaculada Joana d'Arc?

E' de agora, é destes nossos dias, que se vê esta influênciã absolutamente decisiva da mentalidade e da orientação de um povo e do seu exército sobre a conduta de uma grande guerra, e sobre os seus resultados mais immediatos. Não essa funesta ingerencia da politica, e do jornalismo, nas operações militares. que sempre tem sido causa dos mais retumbantes desastres, mas sim a unidade de sentimento que faz de um povo inteiro uma entidade única, unanime e irresistivel.

Se voltarmos os olhos para o periodo brilhante e funesto das guerras napoleonicas, vemos que embora a França arvorasse sempre o lema da «libertação dos povos», eram sempre estes quem menos se considerava na contenda e no seu desfecho: podemos nós portuguezes dar disso bem verdadeiro testemunho, pois nem mesmo da parte da Inglaterra, na paz de 1815, tivemos a compensação condigna e a satisfação devida às reclamações nacionais.

Os exércitos, uma minoria infima das populações dos seus países, levados ao cõmbate pela mão de ferro de uma disciplina feroz, nada representavam da opinião pública nacional: quando muito teriam, como os franceses, o fanatismo pelo seu chefe, se este era hábil e soubera suscitar esse sentimento colectivo tão importante.

Mais tarde, no decorrer do século, as guerras são ainda da mesma índole: a de Italia, a da Crimeia, não representam mais. No entanto já então é bem evidente a superioridade da bravura francesa, da impassibilidade britânica, sobre a rude firmeza dos *mujiks* russos, ou dos *kaiserlichs* austriacos, uns e outros sem noção alguma das causas e dos fins da contenda em que se viam obrigados a intervir.

Mas já em 1870 se viu surgir mais alguma coisa, como factor de resistênciã. Os alemães tinham a superioridade incontestavel, esmagadora, do comando tanto nas operações como na preparação material e mental. Aniquilado em poucas semanas o exército regular francês, em Sedan e em Metz, con-

tavam nada mais se lhes poder opôr, tendo em nenhuma conta a *poussière d'armée* que o governo da defesa nacional febrilmente ia criando. Mas foi esse pó que protraiu a resistência por longos meses ainda, e que a despeito de irremediáveis deficiências materiais, e de planos desconexos, conseguiu pela primeira vez nessa guerra, chamar a vitória à bandeira tricolor, embora o resultado final já não pudesse ser duvidoso. Esse pó que tanto mostrou valer, era impulsionado pela alma colectiva da patria, pela consciencia nacional conglobada num unico e unânime sentir. E é ainda essa mesma alma, que rejuvenescida e reanimada no crisol do perigo tremendo, tem realisado essa maravilhosa resistência inteiramente inesperada para o inimigo, que na memoria humana se concretisou para sempre na luminosa trilogia: Marne, Iser, Verdun!

Diz Pinheiro Chagas na sua *Historia da Guerra entre a França e a Prussia*: «Não acredito na superioridade individual dos soldados de uma nação sobre os soldados de outra, e pelo menos, essa superioridade, quando existe, é insignificante. A organização, o armamento e principalmente o comando, é que dão a vitória. Comandados por Frederico, os Prussianos infligem aos Franceses a derrota formidavel de Rosbach; comandados por Napoleão infligem a seu turno os franceses aos prussianos a humilhação de Iena; volta com Moltke a vitória às águias de Brandeburgo». E' certo; nem ousariamos discordar das afirmativas de tão insigne escritor e politico. Mas permitimo-nos uma ampliação a essa afirmativa: é que esse termo *comando* que ali se emprega, deve ter neste caso um sentido muito mais lato do que a princípio se afigura numa leitura superficial desse trecho. Comando, neste caso não deve entender-se, sómente, direcção imediata e dia a dia das operações de guerra; nessa direcção está hoje provado que foram numerosos os erros em que caiu esse afamado Moltke. Mas para anular o efeito funesto que de tais erros podia resultar para os seus exercitos, tinha de atrás de si, dominando-o com o impulso irresistivel de uma força organizada, embora quasi inconsciente de si propria, o *comando* intelectual que durante meio século tinha encaminhado a educação patriotica, militar ou civil, da Prussia em primeiro lugar, e dos outros Estados da Confederação como reflexo. Desde Iena,

que a nação se vinha impregnando das virtudes cívicas, a dedicação pela patria, a disciplina passivamente obediente, a confiança nos superiores, que haviam de dar em 1870 esse resultado, não consequência do valor individual, pois nesse particular foi dos franceses, como sempre, a palma; não mesmo como consequência de melhor organização e melhor municiaimento; mas sim fruto incontestavel da mentalidade especial que permitira aos governos, sem quebra, nem desfalecimento, concorrerem todos para o aperfeiçoamento constante do organismo militar, impulsionado por uma opinião pública esclarecida e que a despeito de alguns brados discordantes, — que chegaram ás vezes a pôr em perigo todo o plano —, conseguiu nesse tempo um tão retumbante exito. Ora esse *comando* superior que assim tinha dirigido eficazmente toda a vida nacional é que lhe deu a vitoria. E' bem sabido o dito — cremos que originado em França — que o vencedor em Sedan fôra unicamente o mestre-escola alemão. Este dito, que afinal, parecendo só jocoso é muito profundo, encerra uma grande verdade; crêmos, com efeito, que essas qualidades que em 1870 deram a vitoria à Prussia foram as que em successivas gerações tinham sido incutidas à nação desde os bancos das escolas, sem quebra, sem discordância, e que acima mencionámos: o patriotismo ardente, a obediência cêga, a confiança leal.

Mas — e é agora o momento de vêmos o reverso da medalha —, essas qualidades, que indubitavelmente se tem mantido, e talvez exagerado nos anos que se seguiram, parecem a quem estuda as suas manifestações, terem o defeito de tudo quanto é «metido a martelo», digamos assim, pedindo se nos releve o plebeismo, em favor da clareza da imagem. O alemão é patriota, é disciplinado, é confiante, mas é tudo isso, porque lhe ensinaram a sê-lo, desde a escola primária, em successivas gerações. Por isso mesmo que é confiante, procede assim porque a sua mentalidade foi educada para julgar que a sociedade, tal como êle a vê organizada, (e bem, segundo crê) não lhe permite o mais leve desvio dessa linha de conduta que lhe foi traçada desde criança, como já o fôra a seu pai ou avô, e que assim criou um vinco mental indelevel. Homens assim são uma grande força, uma força quasi incoercível, emquanto não se desmorona o edificio das ideias que lhe foram

incutidas: por isso vemos, com pasmo, como disse Lloyd George, uma nação de 60 milhões de habitantes resignada, sem se revoltar em massa, a sofrer as privações da fome, e a falta de tantas outras comodidades a que estava afeita. Por isso vemos, como testemunham ingleses e franceses, esses ataques em massas compactas que tão louco desperdício de vidas tem custado, sem que até hoje deixassem de se renovar, com uma passividade na obediência que a outros povos pareceria estúpidez.

Mas também vemos que esses homens assim educados, são incapazes de resistir desde que vêm ruir o edificio da sua pertinás confiança. Se lhes faltam as ordens, se os superiores caíram, cedem em massa e rendem-se quasi cobardemente, incapazes de tirar de si proprios os recursos ou a tenacidade sufficientes. As centenas de milhar de prisioneiros feitos pelos aliados, e especialmente pelos russos nas suas avançadas mais felizes, são disso um testemunho patente.

Ora, é neste ponto que a condição psicológica dos exercitos britânicos, apresenta uma divergência radical, e que tem sido tantas vezes decisiva. Não se trata já da diferença imensa proveniente do modo do alistamento: voluntários os ingleses, recrutados os alemães. Isso acabou; mas mesmo nos tempos do velho recrutamento *a cordel*, em que todos os soldados eram em geral violentamente compelidos, nos tempos das guerras napoleonicas, o character essencial das tropas inglesas foi sempre o mesmo. Agora apenas será mais perfeito, mais elevado.

O inglês alistado não obedece cégamente como o alemão, por lhe terem ensinado que o deve fazer, porque a sociedade o exige tirânicamente. Obedece porque sabe que da sua obediência passiva, da solidariedade e camaradagem, dependem os resultados indispensáveis para o bem da nação, para a grandeza da pátria, e portanto para o seu proprio bem. O dever de bom cidadão aparece-lhe como o ideal mais elevado a que pode aspirar a consciência humana.

Não seria fácil, nem talvez possível, levar estes soldados a combater, ou sequer a alistar-se, no tempo do voluntariado estreme, para uma guerra que a consciência nacional reprovasse. Porisso, é claro, como tão nitidamente expõe Gustavo

le Bon, o primeiro cuidado do governo inglês, quando entendeu necessária uma declaração de guerra, foi orientar cuidadosamente a opinião pública, para a tornar favorável a essa empresa. Depois, em estando bem arreigada na população, o convencimento de ser esse passo indispensável para a grandeza, para a supremacia, ou para a justiça da Inglaterra, pouco mais é preciso senão municiar, equipar, e instruir esses soldados para ter exercitos prontos a tudo, e de uma tenacidade absolutamente inegualavel.

E', comprehende-se bem que assim seja: Cada homem está intimamente convencido na sua consciência, que é indispensável á Inglaterra não ser vencida, que para ele, para a sua familia, para os seus concidadãos é uma condição imprescindível, um dever inalienável manter o mais alto que possa, a honra das armas e da bandeira britânicas. Cada homem é, portanto, um heroi; não conhece perigos; não tem um segundo de hesitação em avançar á voz dos seus chefes, conscientemente e não por educação, ou temor do castigo. A sua iniciativa nunca se perde, porque conserva intacta e subida a noção da propria individualidade, porisso tambem quando isolado ou vencido, não fica inerte á mercê do inimigo, ou desanimado pela derrota: reage, cobra forças, e está sempre pronto a retomar o seu papel, sob qualquer forma que lhe seja possível. Já Napoleão dizia, que "*les Anglais ne savent jamais quand ils sont battus*", e nestas simples palavras, de quem tanta autoridade tinha para as dizer, se encerra, a nosso vêr, um dos maiores elogios jamais feitos ao soldado inglês. E, por este termo, é claro que abrangemos desde o mais humilde galucho, ao mais brilhante general britânico. Lá se viu em Waterloo (onde individualmente os soldados eram apreciados por Wellington como sendo "o peor bando de canalhas que ele jamais vira juntos") ser ganha a batalha, no fim de um longo dia de verão, pela simples tenacidade das tropas inglesas e do seu imortal chefe, que fiado na promessa de Blücher, e apesar das inconcebiveis dificuldades que retardaram a marcha deste, se manteve inabalável, mesmo quando a esperança já era tão pouca que pronunciou a frase concretizada genialmente por V. Hugo, nas palavras "Blücher, ou la nuit!"

E, se nos reportamos aos factos que sob os nossos olhos se estão dando, neste portentoso e estupendo conflito cuja

magnitude condiz em verdade, com os assombrosos progressos de todo o saber humano, vemos sempre, em todos os casos permanecer o mesmo character que é tradicional nas tropas britânicas. Na batalha do Marne, nessa formidável barreira posta inesperadamente á onda avassaladora que ia submergindo a França, sem que até ali se lhe visse meio de salvação, qual foi um dos factores que mais contribuiu para o exito, entre tantos outros, aliás ainda imperfeitamente explicados nos seus pormenores, senão a inesperada intervenção do exercito de French, derrotado nas vespervas pela ala direita alemã, e que por isso von Kluck julgou poder considerar neutralizado por alguns dias?

De facto, assim estaria, segundo todas as leis da experiencia da guerra, se fossem tropas d'outro quilate. Mas, sendo inglesas, mais uma vez justificaram o dito de Napoleão: *não souberam* ter sido derrotadas, e no momento crítico, quando menos se esperava, voltaram á carga com a mesma intrepida impassibilidade.

Não seria possível, nem nos chegaria para isso a competencia nem o conhecimento dos factos, enumerar tantos outros casos desta ordem que se terão dado no decurso de tantos tragicos e gloriosos menses. Apenas frizaremos ainda um, esse não em terra, mas na batalha naval de Jutlândia, segundo a apreciação do jornal *Observer*.

Na segunda fase da batalha, quando a esquadra do alto mar alemã conseguiu meter entre dois fogos, com grande superioridade numérica e de calibres, a esquadra dos cruzadores de batalha ingleses, inflingindo-lhe logo gravissimas perdas, o almirante Beatty, mais uma vez provou a tempera da resistencia britânica. A sua esquadra estava dizimada; a superioridade material do inimigo era formidável: qualquer outro retiraria para salvar os restos das suas forças.

Ele, a marinha inglesa, não. A' custa dos mais duros sacrificios em vidas, em valores, continuou a resistir, continuou a *fixar*, como se diz em tactica terrestre, as forças inimigas, até que podessem chegar os grandes *dreadnoughts* da esquadra de Jellicoe, que transformaram por completo o aspecto da batalha, e obrigaram o inimigo a perder todos os frutos da operação iniciada com exito, e que teria sido prospera se a esquadra dos cruzadores ingleses atentasse nas suas perdas; per-

das tão importantes que ao serem conhecidas em Inglaterra, produziram uma impressão tristissima. Não havia razão para tal: em qualquer marinha, isso bastaria para pronunciar um desastre: na inglesa, nada significáram senão a destruição de barcos valiosos e de tripulações heroicas; mas a supremacia naval, o dominio do mar, ficáram como até ali á gloriosa bandeira da cruz de S. Jorge.

De modo semelhante, embora diferente, se nos apresentam as características que distinguem o soldado francês actual. Tinham os alemães calculado que a dissolvente propaganda do anti-militarismo, do anti-semitismo e dos varios anti-ismos que dividiam e esmagavam a França, daria ao exercito francês uma falta de coesão e de firmeza irremediáveis. Enganaram-se.

O espirito de sacrificio, a dedicação, a solidariedade, a obediencia aos chefes e a confiança neles, tem de tal modo penetrado no íntimo do soldado francês, que o tornáram a admiração de todo o mundo, e mais do que ninguem dos proprios inimigos. O contacto com as tropas británicas, parece ter-lhe inoculado em parte, as qualidades destas. Hoje o soldado francês, tendo sobre o inglês a vantagem de possuir alegria mais expansiva, mais *gauloiserie*, como eles dizem, equipára-se-lhe inteiramente na coragem consciente e reflectida com que se abalança sem hesitar a todos os sacrificios, com os olhos postos no futuro socego, e honra da sua patria. E' possivel que terminada a guerra, as mesmas infelizes teorias dissolventes venham minar de novo o organismo agora tão vivaz e sadio; mas por enquanto, o perigo de semelhante infelicidade, está bem definitivamente afastado. E, ficam só as preciosas qualidades ingénitas do povo francês, do bom povo trabalhador, morigerado, sincero, que na excitação do combate chega a atingir o cumulo da bravura, mas tambem na inacção das trincheiras ainda mais heroi se manifesta, tranquilo e frio, pronto sem alarde e sem vangloria aos mais duros sacrificios que lhe impõe o dever.

Esse sentimento alarga-se a toda a população francesa; todos anhelam por um unico fito: a vitória e a honra nacional, compradas por qualquer preço que nem o soldado, nem o capitalista, nem o politico julgam demasiado seja ele qual fôr.

Este conjunto de virtudes, latentes e antigas no povo inglês,

reavivadas nesta hora angustiosa entre o francês, tem sido e será decerto o nó vital da formidável contenda.

Não são bastantes já, para arcar com tais factores, as qualidades que acima vimos serem apanagio do soldado alemão. E, é por isso que este, quando succede encontrar-se, em condições normais, com qualquer dos outros exercitos aliados, cuja mentalidade e psicologia são no caso muito mais comparaveis ás dos exercitos mercenários ou das multidões de Xerxes, não deixa de manifestar essa superioridade inegável, que seria pueril e perigoso querer ocultar; mas nada já pode quando se defronta com esses estrenuos defensores da frente ocidental, que tem a ampará-los e impeli-los a força irresistivel de de um propósito firme, plenamente consciente da grandiosa missão que lhes cabe, cujo exito sabem ser indispensável, e deles unicamente depender.

Este sentimento domina toda a acção dos aliados, dos seus generais, dos seus ministros, dos seus chefes de Estado. Os erros, a deplorável incúria da sua preparação militar anterior, tem-nos resgatado com o maior brilho, conseguindo exceder até o que de ha longos anos tinham acumulado e previsto os inimigos.

E será este, como diziamos ao começar, um dos mais certos ensinamentos da guerra actual. A primeira coisa, a mais indispensável, que qualquer nação ciosa da sua prosperidade e da sua propria existencia precisa cuidadosamente possuir, desenvolver, acautelar, é um vivo sentimento nacional de patriotismo, uma solidariedade absoluta na opinião pública, quanto á vida nacional perante o estrangeiro: como o inglês, como o Romano antigo, nada julgar superior á qualidade de cidadão do seu país. *Civis romanus sum!*

E tambem daqui resulta uma consequência inelutavel, que em futuras aventuras diplomaticas e guerreiras ha de ter peso preponderante nas decisões das chancelarias: E' que a guerra, por mais bem preparada que esteja, precisa contar com o factor decisivo da mentalidade colectiva da nação inimiga, e portanto do seu exercito. Não mais se poderá pôr de parte este factor, para se considerar unicamente a organização material ou numérica do adversário, e a própria. Nenhuma guerra tambem será possivel sem uma absoluta anuência da opinião pública, da verdadeira opinião nacional. Nenhum rei,

nenhuma côrte, nenhum partido influente poderão de futuro abalançar-se só por seu critério a uma tal aventura. E, por isso mesmo, é de esperar que, embora a guerra seja um mal necessário, um mal que regenera, um mal inextirpavel da humanidade, ela se ha de tornar sucessivamente mais difficil e menos frequente... salvo a dar-se com redobrada furia, quando realmente chegar a ser inevitável.

FREDERICO OOM

Ten. cor. de eng.



UMA DIVISÃO EM RESERVA

Descanso, treino físico, instrução

(PELO CAPITÃO F...)

Alguns oficiais da divisão X... , que deve render-nos, passaram ha pouco para a trincheira S... Com efeito a rendição começa esta tarde!... e nós vamos ser colocados como reserva de exercito.

Estar em reserva! Esta expressão desperta no espirito de cada um imagens bastante confusas, entretanto para todos contem misteriosos alentos morais e físicos.

E' a primeira vez que vamos desfructar a alegria do descanso.

Os reconhecimentos de oficiais multiplicam-se; é indispensavel assegurar a sequencia dos trabalhos em andamento, manter o valor defensivo do sector.

Dentro em alguns dias, sem despertar as suspeitas do inimigo, tropas frescas de infantaria, artilharia e engenharia substituem-nos sucessivamente e estabelecem-se solidamente nas suas novas posições, enquanto nós acantonamos um dia ou dois na proximidade da frente de batalha.

Depois, os camiões-automoveis levam-nos para a rectaguarda. Durante o percurso, oficiais e graduados deslocam-se ao longo do comboio para indicarem a direcção a seguir e assegurar a policia da estrada de marcha.

Os homens, amontoados nas viaturas, comem, bebem, fumam e cantam.

Algumas horas depois chegamos á região onde vamos permanecer como reserva de exercito.

Este periodo de tranquilidade decorre de maneira diferente, conforme as unidades. Sem que o programa tenha nada de absoluto, comporta comtudo de começo um completo repouso,

depois a instrução e o treino físico das praças e dos quadros, até á nova partida para um destino desconhecido.

*

*

*

O descanso, segundo se diz, será para nós bastante longo. De resto, o soldado francês, que não é para grandes reflexões, não quer pensar na sua duração e deseja simplesmente aproveitar bem os preciosos dias que lhe concedem para se distrair.

Recreações variadas asseguram o repouso moral. Em primeiro lugar o teatro, constituído muito rudimentarmente nas proprias unidades e com os elementos de que cada uma póde dispor.

As bandas regimentais são reorganizadas; por vezes tocam na praça principal da povoação e atraem os soldado de todas as armas, os quais se confundem por algum tempo na mesma alegria.

Cinematografos enviados da zona da rectaguarda proporcionam espectaculos, que teem um êxito deslumbrante.

Algumas conferencias feitas aos soldados recordam-lhes entretanto os sacrificios já experimentados e expõem-lhes os que ainda será necessario fazer para libertar o nosso país.

Das distracções que dizem respeito ao espirito, passa-se, com uma prudente alternativa, a uma reeducação física do corpo, de principio sem constrangimento algum e atendendo unicamente ás preferencias e gostos de cada um.

Jogos e divertimentos de toda a especie são organisados com o fim de alternadamente pôr em acção a agilidade, o vigor, a energia, o espirito de iniciativa e a reflexão. Sessões de bóxe desenvolvem o amor proprio e despertam o desejo do triunfo.

A corrida e o *foot-ball* aumentam a agilidade dos membros, que se haviam contraído pela permanencia na lama das trincheiras.

Os grandes passeios ao ar livre reabitua-nos aos horizontes largos, pois que as estreitas trincheiras de comunicação eram como antolhos a limitarem-nos a vista.

Sob a benefica acção destes exercicios, o corpo transfor-

ma-se rapidamente e retoma o vigor e a energia propria, o que muito importa pois que a condição das offensivas futuras é a *energia*.

Os cuidados sanitarios intervêm para restabelecer os homens mais enfraquecidos e a todos são applicadas vacinas preventivas.

A higiene do corpo atrae a atenção dos medicos e faz desembaraçar os desgraçados *poilus* dos parasitas de que a prolongada permanencia nas trincheiras muito frequentemente os dotou.

Saude física e moral, tal é o resultado destes esforços methodicos, e a habitação nos acantonamentos aceados, sem o tormento continuo da batalha prestes a desencadear-se, acaba rapidamente a cura de todos.

Mas não se trata só de refazer cada individuo; reconstituem-se tambem as unidades incompletas com os reforços que chegam dos depositos.

Os artigos de reserva são distribuidos a todos que teem o fardamento em mau estado e bem depressa cada unidade se apresenta correctamente uniformisada.

Algumas revistas acabam a tranformação e assim, em muito pouco tempo, mas bem empregado, os nossos soldados e graduados ficam prontos a entrar no periodo da instrução e do treino.

*

*

*

O descanso despertou em nós uma reserva de energia, que se trata agora de empregar o melhor possivel.

Na infantaria, essa energia é aproveitada para a instrução de tiro (com a espingarda, com a espingarda-metralhadora, ou com a metralhadora), para a marcha, para o arremesso da granada; é excitada pelo trabalho (execução de trincheiras de combate e de comunicação, de abrigos, de redes de fio de ferro); emfim mantida e aumentada por uma alimentação sã e abundante.

A efficácia de um tiro bem regulado e bem comandado tem uma grande acção sobre os soldados; estes avaliam o seu proprio valor se reúnem as qualidades de atiradores destros e disciplinados, e reconhecem quanto o fogo por descargas, quasi

tanto como o das metralhadoras, tem uma influencia desmoralisadora sobre o atacante ainda o mais valoroso ¹.

Esta instrução comporta igualmente a ligação intima com as unidades de metralhadoras, armas estas que são um dos órgãos essenciais da guerra actual. Que alegria e que comoção quando uma secção de metralhadoras faz fogo com justeza e regularidade, passa insensivelmente e sem interrupções das velocidades lentas ás aceleradas e vice-versa, como se o apontador seguisse os movimentos de um assaltante imaginario!

Os exercicios de tiro alternam com marchas sucessivamente mais longas, as quais habituam os soldados a atingir determinado objectivo, a subordinar-se á disciplina, a suportar o peso da mochila e a todos os mil incomodos fisicos e morais que a obediencia a uma determinada prescripção comporta.

A travessia das povoações é feita com musica á frente e é um espectáculo reconfortante para os habitantes notarem a soberba compostura das tropas e a apparencia marcial com que as praças, bem limpas, envergando uniformes aceados, desfilam com passo cadenciado e a arma em posição correcta.

Esta instrução geral, permite tambem que se realizem exercicios especiais de arremesso de granadas de mão, as quais com a actual guerra de trincheiras se tornaram uma arma preciosa.

Os soldados, reunidos por fracções e fortemente enquadados de officiais, são exercitados em lançar a granada com precisão sobre a trincheira de experiencia, desde o mais longe possivel.

Estes preceitos applicam-se á parte activa do combate, mas devem completar-se com os trabalhos defensivos, sem os quais todos os soldados ficam depressa desarmados.

E' preciso ensinar aos homens a manejar a pá e a picareta; assim poderão abrir rapidamente uma trincheira, construir um abrigo, que os protegerão eficazmente contra as balas e contra os estilhaços das granadas. O soldado verifica quanto tais trabalhos lhe aumentam a segurança pessoal e as probabili-

¹ Chamamos a atenção dos nossos camaradas de infantaria para estas curiosas afirmações de um official francês—certamente de infantaria—que escreve baseado em dados positivos da actual guerra e não apenas em estudos e experiencias de fogos de poligono.

dades de conservação da vida e vê também a parte que toma na defesa do seu sector. Este ensino desperta-lhe a confiança e aumenta o seu valor moral.

Faz-se adoptar aos quadros o método industrial do trabalho em séries, organizado o melhor possível segundo as competências e aptidões de cada um. Deste modo assegura-se o máximo de rendimento e desenvolve-se essa força viva que tão necessária será no momento da ofensiva ou de uma defensiva violenta.

Mas, qualquer trabalho de organização defensiva deve ser precedido de um "projecto", o qual exige a intervenção de um pessoal e material determinados.

Aquí a infantaria entra em relações com a engenharia, a qual lhe fornece uma parte desses elementos.

A ligação das armas, tão necessária, bem compreendida por grande numero de officiaes superiores, é desenvolvida neste periodo de descanso e de instrução. Exige relações intimas entre as diferentes armas.

Deste modo, a infantaria aprende e vê o que fazem a engenharia e a artilharia e frequentemente de tais relações nascem ideias novas, concepções felizes.

Alguns infantas são destacados para as variadas escolas de instrução da engenharia e em especial para as de escutas e de construção de abrigos. Nas primeiras apreciam e aprendem a utilizar a sensibilidade de aparelhos especiais, que permitem revelar o trabalho do sapador-mineiro inimigo a uns cinquenta metros de distancia.

Na construção dos abrigos reconhecem que a execução da escavação, os trabalhos de fachinagem e a remoção dos detritos não são as unicas dificuldades, mas sim que é necessario preparar e reunir o material em tempo oportuno, fazê-lo transportar e reparti-lo pelos diferentes locais de construção; que é preciso calcular o pessoal necessario e muni-lo de ferramentas especiais, etc. . .

As dificuldades variam ainda conforme se trata de um trabalho a executar de dia ou de noite.

A construção de uma trincheira durante a noite, e, é este o caso mais frequente, exige um reconhecimento prévio, a piquetagem com balizas ou pontos luminosos e o traçado com cordel de côr clara.

Estas operações são habitualmente executadas pela engenharia, a qual por meio de monitores procede á disposição e emprego dos trabalhadores da infantaria.

A engenharia completa este periodo de instrução pela escola de carregamento, a qual consiste em conhecer tudo o que contêm as suas viaturas tecnicas de modo que cada um possa, no momento oportuno, encontrar o objecto necessario; pela de pontoneiros, com navegação, pontes de barcos, pontes improvisadas de todas as especies; pela de minas, que compreende a applicação dos explosivos e os trabalhos especiais para abertura de poços, galerias, abrigos, etc. . .

Este periodo de instrução, de duração muito variavel, segundo as circumstancias, termina muitas vezes por uma revista em que a divisão, ao som de todas as suas bandas regimentais, desfila com correcção na presença de um general de alto comando.

*

* *

Decorriam ainda os exercicios de instrução e já a nossa deslocação era reclamada com urgencia.

A ordem de marcha pela via ferrea designa varias estações de embarque.

Um official vai fazer o reconhecimento do comboio e certificar-se da hora a que êle se encontrará organizado. O nosso comandante dá as ordens precisas relativas aos viveres e forragens, á composição da guarda de policia, ao numero de homens necessarios para o embarque das viaturas, etc.

A' hora fixada o comboio está organizado e o embarque dos homens, dos cavalos e das viaturas começa simultaneamente em duas vias.

A essa hora é noite fechada e é á luz de poderosas lampadas que os trabalhos se realizam.

A luz das lanternas, as chamas dos fuzis e os pontos luminosos dos cigarros, fazem pressentir ao longo das estradas a extensa fila das viaturas e das colunas de tropas, porquanto o nosso comboio será seguido por um outro e já as forças que o devem ocupar começam a chegar ás proximidades da estação.

Uma actividade febril reina dentro desta e deante dos ja

ctos luminosos das poderosas lanternas, deslocam-se sombras em todas as direcções.

Os cavalos sobem para os vagões por meio de uma rampa especial formada por duas longrinas cobertas com um estrado de madeira e munidas lateralmente de corrimão, o que impede os animais de cairem.

Esta rampa, montada sobre rodas, é sucessivamente conduzida á frente de cada furgão; os conductores, com a redea á mão acompanham cada cavalo que entra na rampa, cujo sobrado é rijamente martelado com as patas. Espantado pelo barulho, o animal agita-se, avança, recua, encabrita-se mas por fim socega e deixa-se prender com a cabeça para o meio do vagão e a garupa contra a parede do fundo.

As carruagens destinadas ao transporte dos homens são preparadas, conforme os modelos, para receber 32, 36 ou 40 praças. Segundo o seu eixo longitudinal são dispostos bancos, dois ao centro e dois contra as paredes laterais, deixando livre uma coxia entre as duas portas.

As espingardas e as mochilas são arrumadas nos topos.

Silenciosos, os soldados agrupados deante de cada vagão, aguardam a ordem de subir; ao sinal dado, entram e assentam-se nos bancos, ficando frente a frente.

Um pouco mais longe, debaixo dos telheiros, sobre os cais e rampas moveis, três turnos de soldados carregam viaturas sobre os vagões-plataformas — operação a mais delicada e mais demorada.

Aqui um pesado veículo de quatro rodas chegou ao meio da rampa movel, constituida por duas longrinas de ferro em duplo T e por traves mantidas sobre as longrinas por meio de T T moveis. A viatura, impelida com a parte posterior para a frente, parece suspensa no espaço; de cada lado das rodas um homem vai deslocando uma cunha com cabo, á medida que o veículo avança. Este é içado sobre o vagão plataforma e disposto depois segundo o eixo longitudinal deste. Esta colocação da viatura é mais ou menos difficil segundo ella é de volta completa ou limitada.

Noutro ponto, o embarque de uma viatura no cais, por meio de pequenas pontes volantes, faz-se com facilidade. Verifica-se que o peso fique bem repartido sobre a plataforma. O carregamento de dois vagões consecutivos é feito de maneira a não se produzirem choques.

Finalmente consolida-se tudo, amarram-se as viaturas, travam-se interpondo-lhes braçados de palha, seguram-se as rodas, por meio de pregos, ao sobrado das plataformas.

Tudo isto se executa com uma actividade tão intensa no meio de uma aparente confusão tal, que um estranho julgaria assistir a uma operação desordenada e ficaria inteiramente surpreendido que uma hora e trinta minutos apenas chegue para carregar um comboio formado por cinquenta vagões.

Emfim tudo se encontra no devido lugar. Os homens acomodam-se nos respectivos vagões e adormecem; os cavalos acabam por socegar de todo; estamos prontos para partir.

Uma ultima inspecção dos empregados da estação, um silvo de apito e o comboio põe-se em andamento e conduz-nos com uma velocidade moderada, regular.

Depois da nossa partida, outro comboio vazio manobra e vem por sua vez colocar-se pronto a receber carregamento.

E assim, sem interrupção se efectua o transporte do material e das munições da divisão em reserva.

*

*

*

Tendo desfructado o descanso, bem treinada, melhor instruída, cada uma destas divisões que tem sido posta em reserva, adquiriu um valor novo ou renovado. Assim, se por um lado estarão em condições de fazer frente com exito a qualquer ataque, embora brusco, também poderão substituir outras divisões fatigadas e permitirão conservar á linha de batalha a mesma profundidade e o mesmo valor defensivo e finalmente fornecirão ao alto comando, para as futuras offensivas, tropas bem na mão, preparadas de corpo e alma para a batalha, cheias de coragem e de energia, capazes de contribuir eficazmente para o triunfo definitivo.

*

*

*

Por dar uma ideia nitida das realidades e das necessidades da guerra actual, pareceu-nos util tornar conhecido dos leitores da *Revista Militar* este artigo de um official francês, cuja tradução apresentamos.

A GUERRA EUROPEIA

OS EXERCITOS BELIGERANTES

Os aliados da Alemanha no Oriente

Turquia-Bulgaria

Durante bastante tempo o teatro oriental da guerra europeia conservou uma especie de independencia, pelo menos aparentemente; a lucta ai travada não estava, ou não parecia estar ligada áquela que se desenvolvia nas frentes russa e francesa, atribuindo-se-lhe, geralmente, uma importancia secundaria. Actualmente o principio da unidade de todas as frentes de batalha tornou-se um axioma, tanto da nossa estrategia, como da nossa diplomacia, achando-se essas frentes unidas entre si pela mais perfeita solidariedade. No quadro que nos propuzemos traçar, torna-se, pois, necessario dar um logar á situação do Oriente.

I

Situação militar nos Balkans e no imperio ottomano

Desde ha uns meses que esta situação se transformou por completo.

No fim de 1915 era ela inteiramente favoravel aos imperios centrais. Em consecuencia dos erros e das indecisões da Quadrupla Entente, a qual se haviam deixado iludir, durante muito tempo, pela diplomacia extremamente cautelosa do tsar Fernando, a Servia acabava de secumbir sob o ataque combinado dos alemães, dos austriacos e dos bulgaros.

Em dois meses e meio apenas todo o territorio servio foi occupado, tendo os aliados chegado muito tarde e em pequeno numero para poderem deter a marcha dos invasores. Por esta

fôrma se encontrou a Alemanha em comunicação directa com a Turquia atravez da Bulgaria, podendo as tropas e as mercadorias alemãs circular livremente desde Anvers e Hamburgo até Bagdad pelas vias ferreas Belgrado, Nisch, Sofia, Andrinopla e Constantinopla.

Nestas condições tornáva-se impossivel forçar os estreitos, tomando os aliados o partido de evacuar Gallipoli. Ao mesmo tempo os austriacos, depois de se haverem apoderado do Montenegro, ocupavam o litoral albanez do Adriatico, sem que os italianos se lhe pudessem opor eficazmente.

Parecia, pois, estabelecida a supremacia das potencias centrais na peninsula balkanica: pela Turquia poderiam, sem obstaculo, chegar á Asia, e pela Asia, o imperio britanico, o inimigo detestado, seria atingido em dois pontos vitais, o Egypto e a India, achando-se já em preparação um exercito turco, que, sob a direcção de um estado maior alemão, marcharia sobre o Egypto. Neste momento tudo levava a crer que o centro de gravidade da guerra iria deslocar-se do Ocidente para o Oriente e que a solução debalde procurada na Europa, se produziria perto do Canal de Suez.

Em menos de três meses, porém, tudo mudou.

Um exercito anglo-francez ocupou Salonica, onde se entrincheirou, recebendo reforços importantes. Estas posições são por tal fôrma solidas que o inimigo não ousou ainda atacal-as e não virá longe o dia em que o exercito servio, primeiramente transportado para Corfu, e reorganizado, se lhe reunirá, reforçando-o. Acham-se, pois, seriamente ameaçados os flancos do exercito germano-bulgaro, o que o imobilisa; por outro lado os italianos estão fortemente organizados em Vallona; e, finalmente, parece detido o impeto dos austriacos ao longo do litoral do Adriatico.

Ao mesmo tempo os ingleses, depois de haverem tornado inexpugnavel o Egypto, pelo lado do canal, sufocavam a agitação dos Senoussis, aumentavam o seu corpo expedicionario do Irak e, apesar do revez de uma expedição a Bagdad, empreendida com forças muito fracas, mantiveram-se nos valles inferiores do Euphrates e do Tigre. Os russos, em pleno inverno, atacavam o exercito turco, a Este do Erzerum, fazendo-o recuar; tomavam de assalto os fortes e a praça, unica fortaleza da Asia turca, e capturavam 233 officiais, 12.758 soldados,

323 canhões e 9 bandeiras (16 de fevereiro). Transpondo montanhas de 3.000 a 4.000 metros, com neve espessa e frio intenso, avançavam sempre sobre toda a frente asiática.

Por um lado dirigiam-se para o litoral do mar Negro, aproximando-se de Trebizondá, o grande porto turco de que acabavam de apoderar-se; por outro tomavam Mouch e Bitlis, ocupavam as margens dos lagos de Vau e de Ourmiah, ameaçando descer aos profundos vales do Tigre e do Eufrates, para aí cortarem as comunicações do exercito turco de Bagdad. Finalmente, em alguns combates favoraveis, expulsavam da Persia os agitadores alemães, que procuravam sublevar este país contra os aliados, dispersando os seus bandos.

Actualmente os turcos tem grandes dificuldades em defender o seu territorio invadido, e decerto não poderão continuar a lançar-se em offensivas aventurosas, para as quais a Alemanha os compeliu durante algum tempo. Além disso o ano está muito adiantado e proxima a epoca dos grandes calores, para que possa agora ser empreendida uma expedição contra o Egypto e assim as tropas inglêsas, que guardavam o canal contra um ataque eventual, ficarão livres em grande parte, podendo vir reforçar as outras frentes.

Vê-se, pois, que as grandes operações, anunciadas com tanto estrondo pela Alemanha, abortaram todas. Mas, como os exercitos turco e bulgaro se acham ainda em campanha, procuraremos apreciar o estado em que eles se encontram.

II

O exercito turco

O exercito turco foi reorganizado, durante o inverno, sob a direcção de officiais alemães. O numero das suas divisões foi elevado de 40 a 58, mas, segundo parece, apenas sobre o papel, porque esse numero nunca passou além de 50, compondo-se cada divisão de 9 batalhões e algumas de 12, numa totalidade de 10.000 homens, em média. Tendo sido chamadas todas as classes mobilisadas, os efectivos disponiveis deverão aproximar-se dos 500.000 homens.

Mas as tropas ottomanas foram duramente experimentadas

pela campanha da Armenia, ficando alguns corpos de exercito reduzidos entre 3.000 a 5.000 baionetas com algumas peças; em Erzerum os russos aniquilaram a 34.^a divisão, havendo bastantes companhias das tropas daquela região e da de Trebizonda, que viram o seu efectivo descer de tal maneira que muitas não conseguiram apresentar mais de 70 homens; e finalmente os melhores elementos e os officiais mais bravos morreram no Caucaso e nos Dardanelos.

O armamento é certo que foi aumentado e melhorado, mas ficou incompleto e de uma grande diversidade. Os alemães enviaram aos turcos grande quantidade de artilharia, mas sobretudo peças de grande calibre, cujo transporte é quasi impossivel num país sem estradas e com raras linhas ferreas, tendo de ser destinado este material pesado para armar os Dardanelos e defender as costas.

Depois que os aliados abandonaram os Dardanelos, que os turcos puzeram de parte o seu projectado ataque ao Egypto e que os russos invadiram a Armenia, o emprego dos exercitos turcos foi completamente modificado, encontrando-se hoje dividido em dois grandes nucleos, dos quais, um composto de 14 divisões, se conserva em volta da capital e dos estreitos na Thracia, na região de Smyrna e no mar Negro; o outro, mais forte, com cerca de 20 divisões, encontra-se concentrado na Asia Menor para deter o avanço russo.

Além destes dois nucleos existem ainda outros agrupamentos, mas de importancia secundaria. Sete divisões combatem os ingleses na Mesopotamia e os russos nas fronteiras da Persia; uma divisão guarnece o porto de Alexandrette, duas foram mandadas para a Syria e quatro encontram-se immobilizadas na peninsula arabica.

Não contando com as tropas da Arabia, os turcos dispõem apenas, verdadeiramente de cerca de 45 divisões, isto é, de um efectivo, que não deve ser superior a 450.000 homens para opor ao impeto dos russos na Armenia e nas fronteiras da Persia, para proteger a Mesopotamia contra as tropas inglesas e brevemente tambem contra as tropas russas e para guardar o litoral do mar Negro, os estreitos, a região de Smyrna, o golfo de Adalia e o de Alexandrette, as costas da Syria e da Palestina, acrescentando a circumstancia de que todos estes

pontos são eminentemente vulneráveis e se acham sob a ameaça de um desembarque eventual dos aliados.

III

O exercito bulgaro

No começo da guerra actual, o exercito bulgaro dispunha de um efectivo de homens instruidos que não era de certo inferior a 600.000.

Vinte e oito classes haviam sido mobilizadas e, em virtude de uma lei de 1915, foram chamados ás armas todos os dispensados do serviço. Mas a penuria dos quadros impede a boa utilização dos efectivos.

O exercito de campanha não contando com os depositos, com a milicia e com as guardas de fronteira, parece ter sido de 390.000 homens, constando de 12 divisões de infantaria de 32.000 homens cada uma, 1 de cavalaria e 6 regimentos de artilharia pesada. E' certo que, se o exercito bulgaro tem sido mais poupado do que o turco, não deixa comtudo de ter sofrido, no decurso da campanha com os servios, perdas sérias, que não podem ser inferiores a 80 ou 100.000 homens. No entanto as baixas assim produzidas pelo fogo do inimigo ou pelas doenças, devem ter sido preenchidas pelos depositos e é provavel que o efectivo se aproxime ainda muito dos 400.000 homens.

O exercito bulgaro dispõe de uma artilharia bastante consideravel. Além dos 6 regimentos de artilharia pesada, a que acima nos referimos, possui por divisão dois regimentos de 18 baterias a 4 peças e um grupo de artilharia de montanha com 12 peças. Mas cerca de um terço da artilharia de campanha parece ser composto de peças de tiro lento, convindo saber-se que a Bulgaria é pobre em cavalos.

Este exercito não se acha, na sua totalidade, concentrado contra nós. Por rasões de prudencia, facilmente explicaveis, quatro divisões guarnecem a fronteira bulgaro-romena e as restantes oito, na força de 250.000 homens defendem a Macedonia e a Thracia bulgara contra os aliados instalados em Salonica.

Os soldados bulgaros são bravos. Bateram-se com entu

siasmo para conquistar a Macedonia servia, que eles consideram como territorio bulgaro, mas logo que supõem ter atingido o seu fim, desejam regressar ás suas casas, por isso que, sendo, na sua maioria, camponêses, teem a nostalgia dos campos, onde nasceram e onde habitualmente vivem. Por outro lado uma grande parte dos officiaes e mais ainda os soldados, são hostis á politica russofoba do governo actual. Se eles se encontrassem em frente dos russos ninguem poderia antecipadamente dizer como se conduziriam. Emfim a Alemanha tomou conta do alto comando com a conivencia do rei e do estado maior, suportando os officiaes bulgaros esta situação sem revolta declarada, é certo, mas não sem uma certa amargura.

Em resumo o exercito bulgaro é numeroso, bem armado e bem equipado, mas o seu estado moral não corresponde ao material.

Com efeito, ultimamente, teem-se descoberto varios *complots* em alguns corpos, dando-se casos de insubordinação, de que resultaram officiaes assassinados e soldados fusilados. E' possivel, porém, que as tropas bulgaras readquiram o seu ardor belicoso, se virem o territorio nacional ameaçado.

IV

Conclusão

A campanha empreendida pelos austro-alemães contra a Servia tinha um duplo fim: forçar os aliados a abandonar Gallipoli e depois, livres os turcos da invasão, arrastal-os, assim como aos bulgaros, para a guerra mundial, tornando-os a todos soldados do kaiser.

O primeiro objectivo foi atingido. Se o corpo expedicionario anglo-francez se fixou obstinadamente nos duros rochedos daquela península, é porque conservava a esperança de que a falta de munições dos turcos lhes não permitisse uma longa resistencia. Desde que se estabelecesse comunicação entre Constantinopla e Berlim, o abastecimento do exercito turco estava assegurado e nós não tinhamos outro remedio senão retirar.

Mas os resultados que a Alemanha esperava desta retirada

não se realizaram, tendo abortado a segunda parte do plano de campanha alemão.

Os bulgaros, uma vez senhores da Persia, recusaram deixar-se arrastar mais longe. Em todo e caso, agora o exercito franco-inglez de Salonica, conserva-os na fronteira grega, por isso que, no dia em que o mesmo exercito fôr engrossado com os efectivos servios, poderá, se lhe convier, retomar a ofensiva e a Bulgaria não teria decerto forças suficientemente importantes para lhe resistir.

Emquanto aos turcos só se viram libertados durante um bem curtoinstante. A pequena faxa do litoral, que ocupávamos, foi evacuada, mas a Armenia e Trebizonda foram tomadas e a Mesopotamia sériamente ameaçada, não sendo a situação da Turquia menos critica quando os Dardanellos eram bombardeados pelos aliados.

Assim, da mesma fórma que a Austria-Hungria esgotada, nem a Turquia, nem a Bulgaria pódem ajudar a Alemanha a reparar as suas perdas, tendo este país de contar apenas consigo mesmo para manter as suas forças; ora os seus recursos são limitados e nós temos visto que eles se gastam.

Passaremos agora a demonstrar que, pelo contrario, as forças da Quadrupla-Entente estão em pleno progresso e que as fontes que as alimentam não se acham em perigo de secar.

EMILE DURKHEIM.

(Extraído da publicação: «*Lectures pour tous—Lettres a tous les français*», por F. DE MAGALHÃES.



A fortificação do futuro

A rápida tomada das praças fortes que defendiam a Bélgica, e das que os russos tinham na sua fronteira com a Alemanha, levou certos escritores a profetisar que a fortificação permanente terá no futuro pouca importancia. Contribuiu também para que tal hipótese tomasse vulto e até alguns visos de verosimilhança, o apogeu consideravel que adquiriu a fortificação de campanha, a qual, segundo dizem os detractores da permanente, veio substituir esta com vantagem.

Embora, seja prematuro fazer afirmações categoricas, desde que o assunto está ainda *sub judice*, e enquanto não seja feita a historia critica da guerra pois carece-se de elementos adequados para chegar a uma conclusão verdadeiramente fundada ha, no entanto, grandes probabilidades que as fortalezas continuem a ser um valiosissimo auxiliar dos exercitos nas lutas futuras.

Existem em abono de tal crença varias razões.

Em primeiro logar, podem-se, pelos ensinamentos da guerra actual, citar exemplos para tudo.

Se houve praças que se renderam em dias, como as de Liège, Namur e Antuerpia, outras houve, em compensação, como Ossovice e Przemysl, que resistiram durante meses; e finalmente, algumas como Epinal, Toul e Verdun, que formam parte da barreira oriental da França, teem-se mantido incolumes, apesar dos repetidos e formidaveis ataques que esta ultima sofreu.

Mas, se examinarmos as causas determinantes da efemera resistencia que ofereceram os fortes belgas, facil é achar uma explicação lógica do seu processo, e chega-se ao conhecimento de novas razões demonstrativas de que a fortificação permanente, longe de desaparecer, talvez tome ainda um desenvolvimento maior.

Com efeito, é sabido que uma praça forte se vê obrigada

a capitular ou por falta absoluta de meios materiais para prolongar a defesa, ou pelo estado moral da guarnição se achar tão deprimido que não reste a menor esperança d'êxito.

Ambas as razões marcham a par, e a primeira influe sobre a segunda.

Pois bem: em Liège, Namur e Antuerpia, succedeu que não estando estas praças preparadas para resistir a um trem de sitio que ninguem imaginava podesse ser empregado, ao verem-se atacadas pelas monstruosas peças de 30,5 e 42 centímetros, depressa foram derruidos os parapeitos e blindagens, pela sua fraquesa deante de tais elementos, tanto mais que a artilharia que possuíam os fortes não tinha nem o alcance, nem a potencia da que apresentou o sitiante.

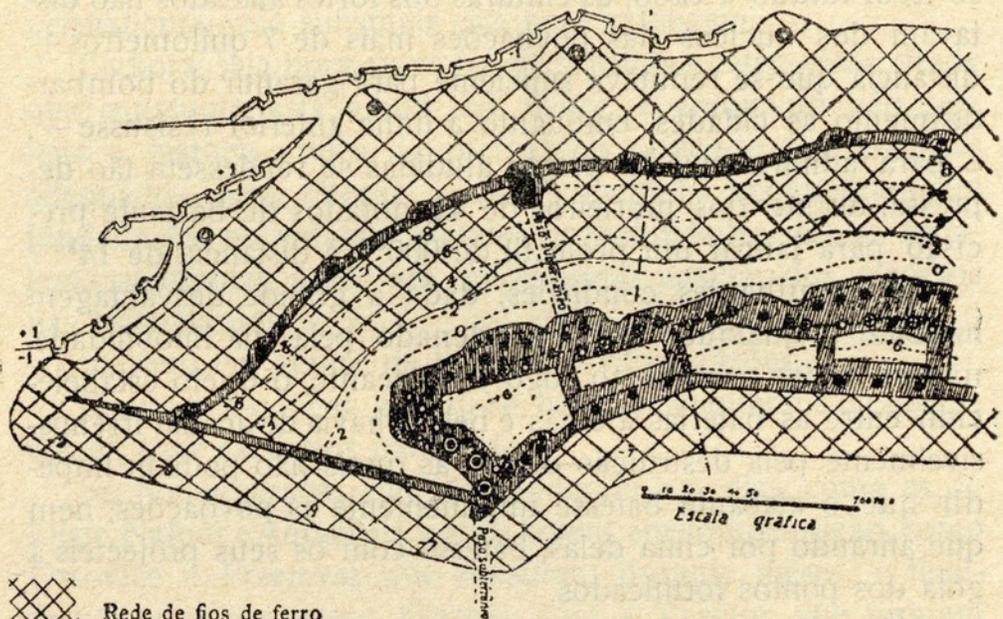
Se, como é de supôr, dadas as averiguações que até agora se tem levado a cabo, as cinturas dos fortes atacados não distavam dos nucleos das povoações mais de 7 quilometros — distancia que se reputava sufficiente para garantir do bombardeamento as cidades, enquanto a linha anterior resistisse —, é para admirar que as praças aludidas se rendessem tão depressa, deante dos morteiros de 42, dotados de bastante precisão para lançar um projectil de 900^{kg.} á distancia de 14^{kl} ?

Em semelhantes condições, dada a grande desvantagem inerente a qualquer forte, condenado pela sua imobilidade, não se poder subtrair ao fogo do atacante, o duelo estabelecido entre as baterias alemãs e belgas havia de acabar irremissivelmente pela destruição destas, as quais não podiam impedir que o atacante batesse impunemente as povoações, nem que atirando por cima delas, batesse com os seus projecteis a gola dos pontos fortificados.

Além disso, sendo o exercito o factor essencial de toda a defesa, e não estando as forças belgas em proporção quantitativa nem qualitativa com as germanicas destinadas a combatê-las, surge aqui outra causa do processo indicado. De maneira que não estando equiparados os meios de ambos os contendentes, não se podem tirar ilações que aclarem a questão definitivamente; mas cabe conjecturar que, se como parece natural, não se tratou senão de um novo triunfo do projectil sobre a couraça, porque esta ficou para traz em relação áquella, tudo se reduz a que os engenheiros dirijam os seus esforços para restabelecer o necessario equilibrio. Assim succedeu desde

os tempos de Vauban na continua luta que vem sustentando o canhão e o parapeito, e assim como é presumível se consiga pôr á devida altura os elementos defensivos, então, segundo diz o notavel escritor D. João de Castro, na obra que está publicando — *Los factores del triunfo en la guerra moderna* —, «a fortificação permanente sairá absolvida do processo que hoje se lhe instaura, senão por *veredictum* popular, pelo menos por sentença do tribunal do direito».

Como prova do que fica dito, basta notar que os elementos, cuja predileção pela ofensiva é tão conhecida, occupam-se de preferencia no que se refere á fortificação, e a este respeito um auctor anonimo publicou no *Kriegstechnische Zeitung*, um projecto de ponto de apoio do futuro, indicado no esquema junto, no qual se atendeu ás exigencias derivadas da luta d'hoje.



-  Rede de fios de ferro
-  Blockaus
-  Metralhadoras
-  Observatorios
-  Peças para bater os intervalos
-  Peças para a defesa proxima
-  Abrigos
-  Todos estes elementos estão blindados

O fim em questão, deverá satisfazer ás seguintes condições: permitir, até ao ultimo momento, um fogo eficaz contra o ataque proximo; apoiar as obras vizinhas varrendo os intervalos com os tiros das baterias flanqueantes que estejam protegidas do fogo da frente; achar-se por completo ao abrigo do assalto, e por ultimo, ter uma disposição interior tal, que no caso de cair em poder do inimigo, não possa este sustentar-se na posição fortificada.

Consta a obra de três linhas de defesa: uma linha de fogo a descoberto reforçada por blockaus couraçados para a defesa activa e vigilancia do terreno exterior; o obstaculo é constituído por uma vasta rede de fios de ferro pela qual passam correntes de alta tensão e se estende tanto pela esplanada como pelo fosso e pela rectaguarda do obstaculo fica a linha principal de defesa, formidavel bloco de cimento armado, repleto materialmente de metralhadoras e canhões ligeiros, destinados á defesa proxima. Mais atraz estão ainda algumas peças e metralhadoras encarregadas de bater os intervalos; e a gola, completamente fechada, não comunica com o terreno da rectaguarda senão por passagens subterraneas faceis de destruir, de forma que se o adversario vier a ocupar a obra, não poderá desembocar nas imediatas.

Tanto a orientação como a procedencia deste projecto, provam que se trata de assegurar á fortificação permanente o importante papel que sempre tem desempenhado, e que quaisquer que sejam as tendencias das nações não será prudente deixar á fortificação de campanha a missão de defender as desembocaduras provaveis de um invasor. Haverá, pelo contrario, que aplicar as lições da experiencia aos estudos, adaptando-os ao progresso alcançado nos meios de ataque, e por um trabalho bem dirigido durante a paz, criar solidos pontos de apoio para o exercito, que ao mesmo tempo sirva de serio obstaculo ao inimigo. Proceder doutro modo é deixar o territorio nacional á mercê da ambição estrangeira, é cometer uma imprevisão que nos momentos de perigo não haverá possibilidade de rectificar, porque a fortificação de campanha, não poderia resistir a uma invasão efectuada com os modernos meios ofensivos.

Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

(Continuado de pag. 862)

Andava então o Caculo Cahenda em guerra acêsa com dois sobas que se tinham revoltado contra os seus tributos, dizem que por instigações de um comerciante do Golungo Alto, que forneceu polvora e um carimbo ou sinete ao soba Muene-Muenga, depois dembo Quibumbo-Qui-á-Congo.

Um soba visinho, oriundo dos lados de Ambaca, a quem o Caculo Cahenda tinha autorizado a estabelecer-se em Muquiama, aliou-se ao Muenga e proclamou-se também dembo com o título *Caculo-Congola*, alegando ser descendente ou vassalo da Ginga e não do Congo, nada devendo portanto ao Caculo Cahenda.

*

*

*

A coluna não passou de Camabéla.

Sómente o comandante, em 23 de novembro, acompanhado por uma escolta, foi com um subalterno vêr o Lombige, o famoso rio do ouro, podendo assim, pelo môrro de Quissango e do alto de Quissaquél, ter conhecimento do caminho terrível que a caluna teria de passar até S. Antonio de Caculo Cohenda, que lá ao longe, a mais quarenta quilometros, mal se percebe entre montanhas de nuvens, e dos pontos em que de 1884 a 1900 os mineiros europeus foram consentidos pelos Dembos.

O Relatorio das Operações de 1907, diz que não se estabeleceu desde logo aqui a futura séde do comando, em vista do estado das forças de que dispunha, atendendo a que isto implicava com a disposição dos povos a nosso respeito, e com o ficarem asseguradas as vias comerciais.

Este periodo interpretado quer dizer que a coluna sentiu não poder ir mais além.

Se lhe tivesse sido possível, seria maior gloria para si ligar o seu nome a um forte neste centro muito povoado, capital dos Dembos, do que ao obscuro logar de Maravila.

Assim findou a acção da coluna de 1907; deixando-nos um enigma para decifrar, qual o das razões porque tendo o seu comandante reconhecido Calunga como base de onde podia vibrar o "coup de foudre" sobre o Cazuangongo em um dia, ou sobre o Caculo Cahenda em trez, podendo atingir Sassa, entre ambos aqueles, em 48 horas, aonde, quedando-se umas horas em silencio premeditado e interrogativo faria com que um e outro potentados se apressassem a mandar aí prestar vassalagem e facilidades para ocupar a região; optou pela estirada do N'Gombe Amuquiama (não reconhecendo o Dande) bem como as razões porque vendo o comandante a necessidade do posto de Maravila avançar para o N'Gombe Omuquiama (não ocupou pelo menos este, tanto por ser rebelde, como pelo não ser.

Deciframo-lo declarando: 1.º que *foram menos consideradas as vantagens de uma acção simultaneamente pacifica* que não dá honras nem proveito, no estado atual dos nossos regulamentos, tanto que o objectivo (diz o Relatorio) era ocupar o que fosse batendo, comquanto tambem ocupasse o que não foi batido, como o Cazal e Camabela; 2.º que tendo o Cazuangongo fugido em 1872 para o N'Gombe Amuquiama, a coluna julgou que o empurraria para o Sul; 3.º que o avanço para Caculo Cohenda não podiam fazer-se a fogo, quer deste N'Gombe, quer de Colunga, sem perigo de ser cortado pelo Cazuangongo, faltando portanto as probabilidades de exito.

E como provas da impossibilidade absoluta que a coluna teve de atingir Caculo Cahenda têmos ainda: 1.º não chegar o Cazuangongo a ser vencido e não restar portanto ás praças a força moral que ajudassem esses estropiados a vencerem ao menos mais tres dias de marcha para o interior, ainda que não fosse triumphal; 2.º ter começado o periodo das chuvas; 3.º ser a região de Caculo Cahenda extensa, muito povoada, em que todos os homens andam armados, reunindo facilmente mais de mil espingardas, a avaliar pelos proprios apontamentos do comandante de 1907 e no dizer da "Exposição sobre

o Lombige», 1908. pag. 435; e 4.º nem a logica dos factos, nem o patriotismo da coluna consentirem a hipotese de ela deixar por fazer alguma coisa mais do que pudesse ter feito.

Lamentando esta impossibilidade do avanço, um official da coluna, dirigia-se ao comandante da mesma (por nota de Camabela-Lombige n.º 12 de 11 de dezembro de 1907), nos seguintes termos: «... Permita-me usar de toda a franqueza: se não tivesse as praças tão estropiadas e tivessem continuado a occupação, cabia-lhe uma das maiores glorias».

*

* *

Num ponto de passagem para Sassa, Caculo Cahenda e Mahungos e centro das terras do Zambi Aluquem, inaugurou-se em 27 de novembro o posto militar de Camabela.

No dia seguinte inicia-se a retirada da coluna, a qual deixava estabelecidos os seguintes postos:

Maravila (J. A), oito quilometros a dentro dos Dembos. 78 homens e uma peça.

A sua volta, formando um cordão que acompanha sensivelmente o rio Zenza (fronteira Sul dos Dembos) ficaram:

Quixôna (Delegação), a duas horas a dentro da fronteira, 36 homens. Em breve insustentavel.

Quinguengues, na fronteira, 11 homens ¹.

Cála e Mandéle } a uma hora da fronteira, 16 homens.

Quilemba, a tres horas do rio, 12 homens.

Mucumbi, nas margens do Zenza, 20 homens.

Quango, idem 16.

Camabéla, posto duas horas a dentro dos Dembos, 63 homens e uma peça.

Casal (partir de Loanda, não longe da estação do caminho de ferro de Cabiri) este posto com 61 homens e uma metralhadora ².

Em conformidade com o determinado a paginas 590 da

¹ Postos de Cala, Mandéle e Quinguengues (áquem dos Dembos) extinctos pela P. 125 de 6 do 2 de 1914, conforme tinhamos exposto.

² Destruído por um incendio em junho de 1913.

«Ordem á Força Armado» n.º 19-1907, este efectivo era de *tresentos e sete (307) homens que assim ficavam immobilizados a guardar o Cazuangongo, sómente gela sua frente Sul, sem assegurarem qualquer novo commercio, além do trafico gentílico que anteriormente existia e sem que essa compensação do imposto de cubata ainda em 1913, seis anos passados, sequer ao menos se possa discutir, sem nos preparar-mos para a guerra.*

Se esta guarnição por vezes foi redusida, muitas outras foi aumentada.

Infelizmente, para que houvesse maior paridade com os resultados obtidos em 1872, tivemos que abandonar o posto de Quichôna (Delegação) dos Dembos, que era outra posição estrategica e oficialmente consagrada, como outra'ora, do lado opôsto fôra Sassa.

A historia repete-se com uma fidelidade espantosa!

Não obstante, justo foi que os inegaveis sacrificios da coluna fossem recômpensados, em vista das seguintes propostas *ad majorem J. A. gloriam*, como consta dos seguintes perioscos de pag. 88 do 2.º Relatorio.

«As praças disciplinares tornaram-se dignas da clemencia de Sua Ex.^a o Governador Geral e do Poder Moderador.

Eu devo dizer que de preferencia ás recompensas em medalhas sou partidario das «promoções por distincção» não só para aqueles que praticam feitos arrojados, mas ainda para os que evidenciam qualidades de comando.

«Não faço propostas neste sentido para officiais, porque sei a opposição que em Portugal se faz, não se dando o verdadeiro valor aos serviços das tropas que não embarquem no Terreiro do Paço ¹.

«Por ultimo não posso deixar de lembrar que á coluna seja dada a medalha Rainha D. Amelia» além da Torre e Espada, proposta para todos os officiais.

—Ainda até hoje não vimos a Imprensa referir-se a estas operações em harmonia com os factos.

Devido á politica que então se fez, ateando rivalidades de armas ² e de glorias, chegando a executarem-se operações simultaneamente nos Dembos e Ambriz, com o fim de confun-

¹ O gov. Paiva Couceiro chegou a propô-lo para major, por distincção.

² Hoje desfeitos, devido á justa egualdade dos uniformes.

dir o realce e a importancia das do Cuamato que, aliás, hoje todos conservam num apreço inconfundível, apesar da excepcional modestia de Roçadas; proclamou-se *urbi et orbi* que chegou alfim a hora dos Dembos ficarem conquistados ou batidos, quando afinal a ocupação não passou da porta de entrada, Camabela ou mesmo Maravila, cuja estado de pacificação ou de rebeldia absolutamente nada se alterou, para melhor com estas operações.

Com certeza seria mais grato ao protagonista ou aos heróis que em 1907 sofreram e arriscaram a vida durante setenta dias, que se demonstrasse perante os camaradas e o publico ignáro estes mesmos sacrificios que fizeram pela colonia e pela patria, e como umas conquistas são difíceis, ao passo que outras são faceis.

Ainda não lêmos, ácerca das operações de 1907, que elas foram mais uma demonstração de que o europeu em regiões inóspitas com a sua tática incompatível com o mato cerrado, é suplantado por esses dois inimigos invisíveis: o clima e o preto escondido.

Devido a isso habituaram-se todos a avaliar os Dembos pelo Casuangongo, o unico dembo ferido, ignorando-se por completo que, por exemplo, a seis horas de St. Antonio de Cáculo Cahenda, ha um rebelde declarado, muito mais poderoso — o N'Bula Atumba — nunca referido no Relatorio das Operações em questão, assim como ha mais outro dembo, o Qui-lombo, tão poderoso como o Cazuangongo.

Portanto não ha maior elogio para estes soldados do que dizer o que custaram estas operações e que a conquista dos Dembos, se com o tempo se não fizer diplomaticamente, nem com mais duas colunas, como a de 1907 se fará (conforme demonstramos ao governador em 1912, nos nossos planos publicados na «Revista Militar» n.^{os} 9 e 10-1914).

*

*

*

A coluna sofreu nesta guerra ao Cazuangongo desoito mortos em combate e quarenta e cinco feridos, como se contam a pag. 113 do Relatorio, 2.^a edição, o declara o livro «Angola» de Paiva Couceiro.

Reduzida por isto, por doenças e guarneamento da fronteira, a coluna adquiriu comtudo nessas jornadas gloriosas a prova real do valor militar do comandante que, com uma vontade ferrea, uma valentia inexcedivel e sobre tudo uma inteligencia viva, soube conduzir esse formidavel agrupamento, que o idolatrava, atravéz de matas, de montanhas e desfiladeiros, executando marchas notaveis pelo esforço e pela disciplina.

Mas, por mais triunfos morais e materiais que intervenham, a guerra parece que tambem depende um tanto ou quanto da *Fortuna*, disfarçada umas vezes em *Estratégia* outras em *Numero* ou em quaesquer fautôres, de modo que, ao passo que noutras regiões se chega a um resultado mais ou menos vantajoso para nós, os louros da vitoria são difficilimos nos Dembos.

Quando comandante da coluna chegou ao fim das operações e fez o seu balanço de gloria para si e de mortos, de invalidos, de pensões e de despezas para os outros; quando viu a coluna reduzida, extenuada pelas marchas, pelo clima e pelas provações de toda a ordem, não obstante o seu patriotismo e resistencia, á vista desse caminho para S. Antonio de Cáculo Cahenda, havia de ter a irremediavel visão de que, se tem podido alcançar esse objectivo, a sua acção nos Dembos teria sido mais feliz e menos ingrata.

Mas a sua estrela deixará de scintilar para tornar a guiál-o só quando mais tarde, menos aguerridamente, lançou essa linha de postos ao longo do Cubango (Huila), ajudado pelos não esquecidos herois, mortos nos seus postos, o tenente de marinha Silva Nunes e tenente de infantaria, Joaquim Ferreira Durão ¹.

*

*

*

A historia dos Dembos não fica pelo heroi de 1907.

Esta região sulcada de vales profundos e de linhas de agua;

¹ Um official que tomou parte em todas as operações de 1907 (J. A. P.), quando por acaso leu esta historia no Livro de Ordens do Lombige de 1912, escreveu o seguinte :

«A historia dos Dembos honra o seu actor».

V. *Revista Militar* n.ºs 9 e 10-1914, e 7-1916.

obscrecida pela sombra de matas cerradas, que se prestam naturalmente á fantasia — este país revoltoso, de surpreendentes panoramas e onde, apesar de relativamente perto da capital da Província, as mulheres onde expõem inteiramente o seu corpo; este país rico de café, de madeiras, de gados, de ferro, de ouro e de tantos objectos inexplorados, destinado a largo commercio e agricultura, irá continuar a ser vasto o campo de aventuras.

V

Lombige e outros comandos

Pela portaria n.º 668 de 27 de dezembro de 1907, seguidamente a serem ultimadas estas operações, foi o país dos Dembos, a título de experiencia, dividido administrativamente em tres comandos militares: de Quilengues, dos Dembos *e do Lombige*, devendo os mesmos ser regidos pela Organização Administrativa de que trata a portaria n.º 510 de 1906, que lhes dava independencia ou competencia de capacidade de capitancias-mores ou de concelhos e cabendo a esses comandantes militares (especiais ou de região) as atribuições de chefes administrativos. Não confundir com o comando militar (local ou eventual), que compete ao mais graduado e cujas atribuições não teem paridade.

Esta divisão não foi feita segundo aconselharia um prévio estudo etnografico ou topografico, mas riscado com a regua e a espada, parecendo haver-se tido a preocupação de reduzir os Dembos sómente á quasi nula zona ocupada pelo cordão de depositos militares que tinham por centro o pôsto de Maravilla, porquanto a divisão natural, legitima e definitiva deveria ser, no sentido latitudinal em Dembos do Sul e Dembos do Norte; e no sentido longitudinal com a seguinte nomenclatura:

—Comando de Quilengues do Golungo (em vez de Quilengues).

—Comando Intermedio dos Dembos (em vez de Dembos).

—Comando dos Dembos de Leste (em vez de Lombige).

Numa futura divisão administrativa da proviucia, de certo não será sancionada esta micelania corografica, devendo reu-

nir-se novamente a mesma raça e a mesma região sob o nome tradicional e unico de Dembos, cuja extensão territorial e limites naturais do Zenza ao Dande, se proporciona a um concelho ou capitania mór, com séde na banza principal e central de S. Antonio de Caculo Cahenda.

Se em vez de isto, a existencia de dois comandos fôr provisoriamente reclamada, dividir-se-hão então em: Comando dos Dembos Ocidentais (Cazuangongo até ao Sala Mubemba) e Comando dos Dembos de Leste (Caculo Cahenda, Mahumgos, etc.).

Deste modo evitaremos a confusão do comandante militar dos Dembos gosar um titulo que abrange abstrátamente os chegados de Quilengues e do Lombige; do actual comandante do Lombige parecer que existe fóra dos Dembos, não obstante em Loanda todos beberem agua do rto que se foi buscar para baptisar sacrilegamente a região que é essencialmente Dembos, por compreender em si não só a capital mas ainda o berço da raça "mubire"; e principalmente do actual comandante de Quilengues, ter um outro colega, no chefe de Quilengues, no districto de Benguela.

E' tal o caso que estas denominações estabelecem que, pelo menos nos correios, não ha meio da correspondencia ser bem dividida pelos três comandos, que são respectivamente servidos pela estações postais de Calunga, de S. Antonio de Caculo Cahenda e de Cabiri, pois que todos chamam "Dembos" aos Dembos e só a citada portaria n.º 668 quer que sejam unicamente Dembos, os povos á volta do forte a que o comandante da coluna de 1907 deu o seu nome.

Segundo esta portaria, estas três divisões compreendem os seguintes territorios ou povos:

— *Quilengues* :

Constituido pelos territorios de Quilengues, do soba Pangué, e uma faixa de 25 a 30 quilometros ao longo da margem esquerda do Zenga até á banza do Golungo, inclusivé; e limitada a O. pelo meridiano da sanzala Gaspar, a S. por uma paralela ao Zenza, á distancia de 25 a 30 quilometros e a S. do mesmo rio, a E. pelo meridiano da confluencia do rio Qui-Ulo com o Zenza e a N. pelo rio U-Cua. Séde provisoria no posto militar do Casal, a transferir para Castendo (terminus da navegação do Bengo ou Zenza).

— *Dembos* :

Este Comando designava melhor ser chamado do Cazuangongo.

Compreende os Dembados Cazuangongo, Gimbo Aluquem, Pango Aluquem N'Gombe Amuquiama, sobádos Zongue, Bambo e Muando, uma faixa de 25 quilometros da margem esquerda do Zenza e o sobado de Calunga.

O comando é limitado a O. pelo comando militar de Qui-lengues, a S. por uma linha quebrada que no seu primeiro troço se dirige proximamente paralela ao Zenza e 25 quilometros ao S. deste rio, abrangendo Calunga e Sala Cabanga; a E. pelo meridiano da confluencia do Lombige com o Zenza; e a N. pelo rio Dande.

Sede em Maravila, devendo transferir para o N'Gombe Amuquiama.

— *Lombige* :

Antes se chamasse comando de Caculo Cahenda.

Compreende os dembados Caculo Cahenda, Quibáxe Quiámubemba, Zombo Angola, Cavunga Cahui, Cavunga Capacaça, N'Combe Anambra, Zambi Aluquem, sobados Sassa, Mus-susso, Gango Angangu e outros a dentro dos limites constantes dos croquis do Relatorio das operações de 1907.

Nesta palavra "outros", oculta a dita portaria o dembo M'Bula Atumba e o dombo Quilombo, qualquer deles mais forte do que o Cazuangongo e tão insubmetido como este.

E' limitado a O. pelo comando chamado dos Dembos, a S. pelo rio Zenza, e a E. pelo sobado N'Gonguembo da 7.^a divisão do Golungo Alto, concelhos de Ambaca e Duque de Bragança; e a N. pelo rio Dande e concelho de Encoge.

A sede do comando foi estabelecida no posto de Cacua-bela, devendo mais tarde ir estabelecer-se definitivamente em Caculo Cahenda, isto é a 50 quilometros mais para o N. na banza de S. Antonio, capital de toda a região dos Dembos.

Este comando ficou sendo o de maior extensão territorial, o mais rico, o mais povoado e consequentemente aquele cuja submissão mais representa.

*

* IV *

— *Dembos do Norte:*

Paiva Couceiro — pretendendo ligar a acção da coluna dos Dembos de 1907, com a duma «Coluna Movel de Policia» composta de duzentos e cincoenta homens, que de novembro a dezembro do mesmo ano (ainda quando se ouviam os ecos da brilhante campanha do Cuamato), pessoalmente dirigiu no interior do Ambriz — designa por «Dembos do Norte» a região cujas fronteiras se encontram a uns cem quilometros a L. do Ambriz e se prolongam para N. da região propriamente dita dos Dembos, entre o rio Dande e Encoge.

Não sendo os Dembos atravessados pelas vias de penetração que servem de eixos principais no sistema geral de ocupação, este governador, penetrando pelo Ambriz, estabeleceu em 1908, o *posto militar de Quizouve*, junto á fronteira dos dembados do Norte, Norte, Nambuanguo e Quiquengo.

Pela portaria n.º 832 de 1 de agosto de 1911 (B. O. n.º 31) foi criada uma *Circunscrição civil denominada Dembos do Norte*, com séde na banza A-Nambu-Angongo. a qual pouco depois foi extinta, visto ter sido prematuramente criada, precisando de ser primeiramente desbravada pela auctoridade militar.

Os «Dembos do Norte» segundo a nossa «Monografia» nesta parte mais sujeita a rectificações, compreendem os seguintes dembados: 1.º Ambuila (ou Buila Andua) com as grandes divisões de Buila Cassula, Nangombe e muitos outros sobados; 2.º, Quiquengo (ou Mutêmo), com as divisões de Mufuque (independente), Cambeje Angola ou Muene Qui-á-Quilombo (independente), e ainda mais cem sanzálas; 3.º A-Nambu-angongo (ou Namboangongo); 4.º Cananda-Grande; 5.º N'Dambi Angola; 6.º Quitexi Angola; 7.º N'Dala Cabaça (independente do Ambuila); 8.º Cabonda Cahui (idem); 9.º Magonga Caiata (idem); 10.º Zala; 11.º Lunda; 12.º e outros armando mais de dez mil homens ¹.

¹ O autor destas linhas chegou a ser convidado pela Chefe do E. M. sr. coronel A. M. da Silva, em nome dos governadores, para chefe dos Dembos do Norte, assim como depois da Capitania mor dos Dembos.

Declinou o 1.º convite, por não ver recursos; o 2.º por deferencia com

VI

Ocupação da capital dos Dembos

Dissolvida a coluna de 1907, deixando novamente livres todos os potentados e moralmente fortalecidos, os postos militares, estabelecidos áquem dos Dembos em pacificas terras do Golungo Alto, agregadas pela citada portaria ao posto de Maravila, iam suportar durante meses sucessivos esses selvagens do Cazuangongo que ocultamente vinham atacar obrigando as guarnições e as patrulhas a constantes vigílias, sobressaltos e tiroteios, até que esgotada toda a possibilidade de continuar a encobrir-se o estado em que ficaram os Dembos, o digno oficial, tenente Luiz Augusto de Pina Guimarães, comandante da tal parcela de Dembos (denominada Comando Militar dos Dembos) com sede no referido posto de Maravila, vexado de tanto insulto do Cazuangongo, foi autorizado a destruir a banza que este rebelde reconstruira é vista do posto, banza esta que como a Phenix da fabula, tem renacido sempre das cinzas.

No dia 23 de julho de 1908, cento e tres combatentes com uma Krupp e oitenta e quatro auxiliares, num total de 187 homens, saem do referido posto para a banza S. Antonio de Lisboa, cuja escalada foi assinalada por uma impetuosa carga de baioneta, comandada peço valoroso alferes Antonio Dias Bargão.

O gentio que fôra o proprio a incendiar a sua banza, passou essa sinistra noite de *victoria* em batuques de guerra, juntando gente, veteranos das guerras de 1872 e de 1907 para ao romper do dia seguinte correrem com os nossos soldados, que iam lá deixando a peça, por precisarem de retirar aceleradamente, a fim de não serem todos trucidados.

Louvores, Torre-Espadas, medalhas e promoções justissimas, baixas na quinta parte da força (seis mortos e vinte feridos), pensões de sangue e lagrimas de familia, e um soldado aprisionado que se disse ter sido assado pelo gentio,

quem já se tinha empenhado pelo lugar, acrescento que, ao autor, mal restava de comissão o tempo necessario para pôr os serviços em funcionamento.

eis o resultado de mais um inoportuno assômo de brio guerreiro (V. Colecção de Relatorios—Imprensa Nacional de Loanda, 1908-1910).

*

* *

Nos caminhos de posto para posto os nossos soldados passam por este facto a serem ainda mais hostilizados pelo Cazuangongo, sendo mortos uns, feridos outros e praticando terceiros verdadeiras proezas ou valentias contra os salteadores.

Comandantes houve que não saíam nem entravam para o posto de Maravila senão bem escoltados.

Em 24 de janeiro de 1909, animados por estes insucessos das nossas armas passam o Zenza e vêem incendiar varias sanzalas entre o Zenza e Calunga, incluindo a de Cála, aprisionar os seus habitantes e atacar esta capoeira chamada blockaus!

Onse praças resistem heroicamente durante cinco horas, retirando providencialmente o gentio quando a guarnição já estava a reservar os ultimos cartuchos com que havia de suicidar-se!! (V. pag. 564 da *Revista Militar* n.º 8-1910).

Por consequencia em quinze de fevereiro de 1909, cento e trinta e tres homens, com mais alguns auxiliares, sob o comando daquele valente alferes Bargão, que convidára o alferes adjunto do Quartel General de Angola, David José Gonçalves Magno a acompanhá-lo, foram varrer os rebeldes das terras entre Calunga e Zenza, desde Quinguengues ao Mucumbi, isto é, a propria zona de influencia dos postos militares estabelecidos em 1907, executando em vinte dias de sol e chuva cerca de trezentos quilometros de marcha de guerra, sendo estes officiais, Bargão e Magno, louvados por Paiva Couceiro na "Ordem á Força Armada", n.º 4-1909.

Deste reconhecimento ofensivo resultou o convencimento de que o principal foco da rebelião dos Dembos, agora mais revoltados do que antes das operações de 1907, porque de rebeldes passivos que então eram passaram a ser activos, era o Muando, verdadeira cidadela gentilica, em que os canibais armados, segundo todas as informações, antecipadamente festejavam com batuques guerreiros, nova victoria sobre nós, se o rio tem dado passagem em Porto Mandéle.

No Relatório foi exposta a necessidade da vinda de uma nova coluna para desafogar Maravila, metade dos quais passariam o rio Porto de Mandêle ao mesmo tempo que uma força cercaria por Quinguengues-Delegação e outra igual por Mucumbi-Maravila.

Em 19 de junho o gentio de Quinguengues, compreendendo que não podíamos defender optou por fugir para a margem direita, indo aumentar a população rebelde.

Em 5 de agosto era o posto de Quinguengues atacado durante duas horas e meia.

Esta situação verdadeiramente angustiosa para o nosso prestígio ia modificar-se enfim, bastando para isto que se iniciasse a realização do objectivo que deveria ter trazido a coluna de 1907.

*

* * *

Quanto á maior parte da região, em que as nossas armas nunca itervieram, da mesma forma a situação se agravou depois da coluna de 1907, recusando perentóriamente a ocupação, pacífica ou á força, e ameaçando de degolação imediata qualquer comerciante preto ou branco que se arriscasse a intrometer-se pelas suas terras.

O soldado Faria (que ha de tornar a ser referido nesta historia) sendo mandado pelo caminho de Caculo Cahenda para N. E. de Camabela, volta despido, tendo fugido de noite, em circunstancias extraordinarias, depois de o terem amarrado para lhe cortarem a cabeça.

O Cavunga Capacaça, Cavunga Cahui e outros, no caminho para Camabela "amarravam", roubavam e matavam, como adiante se verá um exemplo.

O comando das operações de 1907, compreendendo que a submissão dos Dembos, mesmo á data da retirada da coluna, existia unicamente na área que as tropas calcavam, deixou em Camabéla, como ficou dito, nada menos de sessenta e três homens e uma peça sob o comando do esforçado official, força que não podia ser para o misero Zambí Aluquem nem contra o Cazuangongo, que nunca veio para este lado do Caculo Cahenda.

A séde do comando militar de Quilengues devia avançar

do Casal para *Castendo*, terminus da navegação do Bengo, mas como esta região pouco tem de Dembos, o avanço fez-se quando por acaso foi ordenado que o comandante se deslocasse, improvisando aí, em 1908, o notavel capitão, Albano Augusto de Pais Brandão, uma simples residencia, sem defezas algumas ou obras de fortificação. Não havendo por aqui genio nem transitio foi uma despeza que tarde se ha de corrigir como a de Maravila.

A séde da tal parcela denominada Comando dos Dembos, que devia avançar para o N'Gombe Amuquiama, no parecer do proprio Relatorio de 1907 ainda se encontra encravada em Maravila e ali continuará a ser um cancro e estorvo moral de todos os progressos nos Dembos¹.

Identicamente, um magno problema era o avanço da séde do Comando Militar do Lombige (ou dos Dembos Orientais) de Camabela para Caculo Cahenda, porque este facto, como não pode deixar de dizer o Relatorio das Operações de 1907 *«não só implicava com a atitude dos respectivos povos, mas dependia do Cazuangongo, a fim de as comunicações ficarem asseguradas»* além de ficar demonstrado atraz que a coluna de 1907, não pode de modo nenhum, nem a bem, nem a mal, avançar para S. Antonio de Caculo, ficando de aqui por diante, evidentemente, o Cazuangongo mais amigo do Caculo Cahenda, que havia de continuar a demorar o nosso avanço com o braço do outro.

O governador Couceiro começando a ver que a linha Camabela-Sassa-Caculo era a unica de penetração na região dos Dembos pôz nela todas as esperanças *«para salvar a honra do convento»* e neste sentido escolheu cuidadosamente o segundo comandante militar de Lombige, tenente Joaquim Duarte Silva. Porém a grande dedicação e reconhecida competencia deste delegado do governador geral não pode passar de isto:

¹ Quando o digno governador do actual distrito do Quanza tiver oportunidade de se certificar pessoalmente de isto, remediará o inexplicavel fenomeno militar, politico e administrativo de se não transferir o posto de Maravila para o Muando ou para o N'Gombe Amuquiama, directa ou indirectamente, a bem ou a mal.

Astêmo-nos de citar os textos, as datas e os nomes das diferentes autoridades que condenam o posto de Maravila.

Voltava-se para Caculo Cahenda e perguntava:—Quando me deixa o dembo ir aí *construir uma casa*?

Voltava-se seguidamente para Loanda e perguntava:—Quando me fornece o Quartel General as tropas?

Existe ainda uma carta do Caculo Cagenda, escrita no propria dia em que a coluna de 1907 chegou a Loanda, em que este dembo responde ao primeiro comandante do posto de Camabela que aquilo pelas suas terras andava mau; *que lhe mandasse polvora para guerrear... o seu referido soba Muenga.*

Isto era verdadeiramente o que se chama «mangar com a tropa», e sobejo motivo para o patriotismo do tenente Isidoro se lastimar, enviando uma nota ao seu comandante dizendo-lhe que *a ocupação de Caculo Cahenda teria sido «uma das maiores glorias para a coluna»* como implicitamente gloria maxima seria alcançar-se essa ocupação sem tal coluna, a não ser que esteja tudo invertido e que *gloria seja unicamente comandar o maior numero.*

Igualmente existe, escrita pelo destinatario, uma resposta que o Caculo Cahenda enviou ao segundo comandante, conforme consta da nota n.º 38 de 4 de fevereiro de 1909, para o Quartel General, em que este dembo previne (e quem me avisa meu amigo é):

«Não venha cá fazer casa alguma, porque os meus inimigos e o Cazuangongo cortaram o caminho e estão á sua espera. Deixe-se estar onde está, porque essas terras são minhas.»

O comandante do Lombige vendo assim a sua diplomacia despedaçada pediu a exoneração, dispensando-se dignamente de receber do governo, sem poder corresponder-lhe, a gratificação extraordinaria de cem mil réis mensais.

Entretanto, o mesmo governador, desesperado de tanta demora e já mal podendo encobrir da Metropole a mistificação dos Dembos, preparou-se para investir por eles dentro com uma quarta coluna formidavel, que entre outros objectivos tinha o de estabelecer um forte no Muando, em substituição de todos os outros postos proximos do Cazuagonzo (V. livro «Angola-1910»), que foi o dembo que sucedeu ser canoizado pela coluna de 1907, que todos passaram a temer, com desconhecimento de todos os outros que por acaso não ficaram na berlinda.

A meia duzia de horas da fronteira do Caculo, ha, como já dissemos, o M'Bula Atumba tão rebelde como o Cazuangongo, muito mais poderoso, ao qual obedecem trinta sanzalas com quinhentas espingardas e não longe deste ha outro, o Quilombo, com outras quinhentas espingardas (conforme se lê a pag. 435 da "Exposição sobre o Lombige" datada de 26-5-1908).

E' espantoso estes dois potentados de Lombige ou dos Dembos serem absolutamente desconhecidos do Relatorio das Operações de 1907 e do respectivo Esboço Topografico, a ponto de não serem nominalmente citados na portaria que criou o comando, tanto maior por existir um autografo do comandante da coluna, em que estão relacionados os seguintes dembos: "Caculo Cahenda, 12:400—Cazuangongo, 8:200—Quibaxe, 3:900—*M'Bula Atomba*, etc."

Paiva Couceiro tal futuro começou a ver do lado do Lombige ou dos Dembos Orientais que atendendo a imensos pedidos directa e indirectamente feitos pelo comercio e agricultura do Golungo Alto, que vive dos produtos recebidos do Norte (Caculo Cahenda, M'Bula Atumba, Mahungos, etc.), e igualmente atendendo á necessidade de ocupar estas regiões insubmissas, mandou estudar (1907-1908) um ramal de caminho de ferro que partindo da estação de Canhoca, seguisse daí para o Norte ¹.

(Continúa).

¹ Em 1916 esse caminho de ferro atingirá a vila, séde, do Golungo Alto e passará a denominar-se "*Caminho de ferro dos Dembos*".

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Material ferro-viario.—Da revista *La Nature* colhemos os seguintes dados: «A via de 0^m,60 de largura compõe-se, como no material francês, de troços de 9,5 kg. As maquinas pesam 15 toneladas sendo a pressão do vapor de 15 kg. e levam agua e carvão para duas horas de marcha. Os vagons podem circular por curvas de 10^m de raio, mas as locomotivas exigem um raio de 30 metros. As rampas são: de 25^{mm} por metro, em percursos de 400 a 500 metros; de 25 a 40^{mm} por metro, em percursos de 300 a 500 metros e 55^{mm} por metro para pequenos percursos.

«Podem construir-se 10 quilometros de linha diariamente».

Estados-Unidos

Cursos por correspondencia.—Este processo é adotado há tempos pela artilharia de costa, para a instrução dos sargentos que se preparam para electricistas mecanicos, télegrafistas, etc., e que em resultado do serviço se acham distribuidos pelas costas do Pacifico e do Atlantico.

Os bons resultados obtidos, levaram o Ministerio da guerra a implantar o sistema, na instrução superior dos officiais, com o que se economizam as despesas inherentes aos cursos em que realmente se reúne o pessoal que há de receber os ensinamentos e evita-se afastar aquele das suas guarnições e distrai-lo do serviço, grave inconveniente, sobretudo em um exercito que, como o americano, se acha tão disseminado; além disso, por tais razões, os cursos tinham que ser de duração muito limitada.

Adotando o sistema de cursos por correspondencia, o director do curso faz que, mensalmente, se distribua pelos que devam segui-lo uma explicação escrita acerca de um ou varios pontos da materia de que se trata, e depois de 15 dias envia-se-lhes um tema referente aos mesmos, para que o desenvolvam por escrito. Se o director, ao estudar estes desenvolvimentos, os encontra bem e merecem boa classificação, envia-lhe outra explicação distinta e logo um outro tema, e assim sucessivamente; se a dita classificação não for satisfatoria, devolve-se-lhes o tema com as correcções e observações consequentes, remetendo-se-lhes outro tema sobre o mesmo assunto, e dando nota e prestando informação aos seus superiores.

França

Material ferroviario adaptado ás necessidades militares.—Na guerra europeia actual tem sido posta em evidencia a importancia que tem os transportes militares, para os quais há necessidade de utilizar quantos elementos

haja disponíveis, e em particular os camions automoveis e as vias ferreas.

A França dispõe de um material ferroviario destinado especialmente ao serviço das baterias nas praças fortes, mas que pode utilizar-se também em campo raso. O coronel Pichot, a quem se devem interessantes estudos a este respeito, adotou para o dito material uma largura de via de 0^m,60, visto que como linha militar deve adaptar-se a curvas de pequeno raio.

A locomotiva tem 12 a 14 toneladas de peso, que é suficiente para arrastar um peso de 36 a 48 toneladas em rampas de 40^{mm} por metro.

O maquinista fica colocado entre os dois lugares que a maquina tem, a fim deste poder marchar normalmente em ambos os sentidos. Vai assente sobre dois *trucks*, aos quais se articula convenientemente para que se inscrevam com facilidade nas curvas de pequeno raio.

A distancia entre os eixos extremos é de 3^m,80, a qual dá á maquina grande estabilidade longitudinal.

A caldeira acha-se dividida em duas partes, que se unem por um tubo, e deste modo o nivel de agua fica constante acima dos lugares, qualquer que seja a inclinação longitudinal.

A maquina pode andar hora e meia com o carvão e a agua que leva nos seus depositos.

A linha é constituída por troços de dois carris de 5 metros de comprimento e 9,5 quilos de peso, montados sobre travessas metalicas em forma de U, com 1^m,10 de comprimento.

Para formar os vagons, coloca-se sobre dois *trucks*, com 2 ou 3 eixos cada um, uma placa giratoria na união de cada uma delas, o que permite ao conjunto inscrever-se nas curvas de pequeno raio. Podem-se carregar os vagons á razão de 3 toneladas por eixo, de modo que combinando quatro *trucks* de 4 eixos, pode-se transportar um peso indivisivel de 48 toneladas, e portanto, peças de artilharia pesada.

Existem veículos especiais, utilizaveis na via, de 0^m,60, entre os quais se pode citar o reparo do general Périgni para uma peça de 120 ou de 155 curta. A peça pode fazer fogo em qualquer direcção sem abandonar a via.

Inglaterra

Munições.—A *La France militaire* do dia 20 de julho ultimo, publica o seguinte telegrama de Londres, do dia 19 do mesmo mês, sob o titulo «Um diluvio de projecteis»: «Um oficial de artilharia, inglês, participou a um correspondente de guerra afecto ao quartel general da frente de Picouks, que em um periodo de três semanas se dispararam contra o inimigo proximoamente *dez milhões* de projecteis, sem contar as granadas (de mão, deve querer dizer), as balas de espingarda, nem as de metralhadoras. E' uma cifra fantastica —acrescenta o jornal—, e embora não seja senão aproximada, demonstra a necessidade imperiosa de aumentar constantemente a produção de munições».

Rumania

Rumania em armas.—O exercito rumano, o mais forte de todos os das potencias balcanicas, excepto a Turquia, reorganizou-se em 1910, quando se

instituiu o serviço obrigatorio, que abrange todos os cidadãos desde vinte e um aos quarenta anos.

A povoação do reino, que excede 7 milhões de habitantes, dá um contingente anual de 50.000 homens : 46.000, acham-se affectos, mediante sorteio, ao exercito permanente, cujo efectivo é de 90.000 homens. As despesas militares ordinarias sobem a 75 milhões anuais, sobre um orçamento total de 500 milhões.

Os mancebos de 21 anos, que após o sorteio se acham sujeitos ao serviço militar, servem dois anos na infantaria ou três na cavalaria e artilharia. Imediatamente, após estes prazos, passam a fazer parte das tropas chamadas complementares, até á idade de 28 anos.

Os mancebos de 19 a 21 anos recebem uma instrução militar preparatoria ; para esse fim são convocados de abril a novembro, á razão de dois domingos por mês, para praticar a instrução militar, sob a intervenção dos commandantes de guarnição de cada distrito (gendarmaria rural), auxiliados de um instrutor graduado pertencente ás tropas de complemento.

Todos os anos ingressam nas tropas de cavalaria 3.500 mancebos, que são admitidos a seu pedido, para se livrarem dos seus três anos de serviço em um certo numero de periodos de tempo, que é o que se chama o contingente de serviço alternativo (schesinbul). No primeiro ano teem dois periodos de serviço, de 45 a 65 dias e 20 dias de manobras. O serviço reduz-se a 40 dias no segundo periodo e a 30 dias no terceiro. Em caso de necessidade, estes homens podem ser chamados outros 20 dias durante o 4.º ano ; teem que levar os seus cavalos e pagar ao Estado uma indemnização de solipede.

Os alunos que cursam estudos só prestam um ano de serviço no exercito activo ; os professores estão isentos do serviço activo em tempo de paz, mas recebem a instrução militar nas escolas normais.

O exercito é commandado pelo Rei.

O ministerio da guerra em Bucarest compõe-se duma secretaria geral, de um estado maior general, encarregado da Escola de guerra (duas secções e serviço geografico) ; diversos serviços de pessoal, Intendencia e 9 direcções : infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia, marinha, saude, intendencia e escolas militares.

Existe uma comissão de inspectores gerais e outras comissões consultivas que funcionam junto de cada arma ou serviço para o estudo das questões tecnicas de ordem militar.

O territorio está dividido em 5 regiões de corpo de exercito, a saber : a praça de Bucarest, a testa de ponte de Cernavode, sobre o Danubio, e as regiões fortificadas ou campos entrincheirados de Foscani, Namolose e Galatz.

32 circunscrições de recrutamento, das quais cada uma corresponde a um departamento e estão agrupados por territorios de divisão. Cada circunscrição deve fornecer um regimento de reserva, cujo commandante de circunscrição é o chefe. Os circulos de distrito correspondem aos batalhões e os sub-circulos ás companhias.

A infantaria compõe-se de 40 regimentos : destes, 32 a 3 batalhões de 4 companhias (100 homens), mais uma companhia de deposito. 8 regimentos só teem dois batalhões a 4 companhias, uma companhia de deposito e um quadro de 5 officiais destinado ao 3.º batalhão em caso de mobilização.

Existem além disso 10 batalhões de caçadores a 4 companhias de 100 homens.

Cada regimento e cada batalhão, formando corpos, teem uma secção de metralhadoras de duas peças. Decretada a mobilização, os regimentos de infantaria constituem um batalhão de deposito; os batalhões de caçadores desdobram-se e formam 9 regimentos de campanha a dois batalhões.

As reservas de infantaria teem 40 batalhões de reserva e 96 batalhões de milícia de 1.140 homens com 20 oficiais.

Os oficiais de infantaria do exercito activo formam-se na escola militar preparatoria de infantaria de Bucarest, onde são admitidos os mancebos de 18 a 21 anos que tenham frequentado, pelo menos 7 anos nos liceus e os sargentos com menos de 24 anos de idade, que tenham menos de 6 meses de posto, no minimo, e que tenham frequentado 4 anos, pelo menos, nos liceus. Os filhos de militares são admitidos entre os 10 e 15 anos, no ginasio militar de Craiova, e depois no liceu militar de Jassi, onde são instruidos para poder verificar os exames de entrada nas escolas preparatorias das diversas armas. Os tenentes são admitidos nas escolas especiais de aperfeiçoamento anexas ás diversas escolas preparatorias (um ano de curso).

Dada a importancia da agricultura na Rumania, são os soldados mandados para as suas casas nos meses de julho e agosto, enquanto se fazem as colheitas, e voltam depois ao serviço em setembro, que é o periodo das grandes manobras.

Existe uma escola de tiro de infantaria em Slobozia para oficiais e graduados, e campos de instrução em Cotroceni, Breznitz, Mihahu-Bredul, Hagieni e Shipote. O soldado de infantaria leva consigo 160 cartuchos, e o carro de companhia transporta, como reserva, 50 cartuchos por soldado.

A infantaria possui a espingarda Mannlicher, modelo 1893, de 6,5 milímetros de calibre.

A cavalaria activa permanente compreende 10 regimentos de hussards vermelhos, chamados *roshiori*, a 4 esquadrões com 110 cavalos, distribuidos por 5 brigadas (divisões independentes). Dez regimentos de hussards negros ou *celarashi* formam a cavalaria de serviço alterno (*schimbul*), de 4 esquadrões, que compõem uma brigada para cada um dos 5 corpos de exercito.

Há tambem um regimento chamado de escolta, com 3 esquadrões. Seis dos regimentos de *roshiori* teem uma secção de metralhadoras com duas peças montadas sobre rodas. Os *roshiori* estão armados: uns, com lança, espada e revolver, e outros, como os *celarashi*, com espada e carabina Mannlicher, modelo 1893.

Em pé de guerra, o esquadrão activo compreende 182 solípedes, 5 oficiais e 169 soldados.

Os oficiais proveem da escola militar preparatoria de Targovishte e do curso especial de cavalaria (10 meses).

A artilharia de campanha compõe-se de 20 regimentos com 6 baterias montadas a 4 peças Krupp de 75^{mm} de tiro rapido, modelo 1903.

A artilharia pesada compunha-se dantes de 17 batarias a 6 peças de 12 centímetros Krupp, distribuidas pelos regimentos do 5.º corpo. Hoje, cada corpo de exercito possui a sua bateria de 6 morteiros de 105. A casa fran-

cesa Schneider entregou ao exercito 2 batarias de morteiros de 105, e o numero de batarias de 105 foi elevado a 15.

A cavalaria era acompanhada de um grupo de 4 batarias a cavalo, de 4 peças Krupp de 75^{mm}. Este grupo foi transformado em regimento a partir do ano de 1913.

Em pé de guerra, as batarias de artilharia de campanha teem 5 officiaes, 185 homens e 180 a 220 cavalos.

A artilharia de fortaleza é composta de dois regimentos com 8 a 11 companhias; três batarias do segundo regimento teem batarias de sitio.

Em pé de guerra, certas companhias organizam batalhões de sitio. Em 1913, organisaram-se 3 novas batarias especiais de artilharia de montanha.

As tropas tecnicas compreendem 5 batalhões de engenharia a 4 companhias, uma delas de telegrafistas, e um batalhão de engenheiros de fortaleza a 4 companhias, uma de deposito.

Os soldados levam pás e picaretas, serrotes e ferramentas de destruição. Os de infantaria levam tambem ferramentas destinadas á execução de obras de fortificação de campanha, trincheiras, etc.

Os officiaes que se destinam ás armas de artilharia e engenharia, saem da escola especial de Bucarest, onde permanecem 2 anos depois de sairem da escola preparatoria.

Os officiaes de artilharia seguem tambem os cursos da escola de tiro de Mihaluer-Bradul.

O batalhão de pontoneiros, a 4 companhias, dispõe de 4 pontes de 197 metros, distribuidas por 2 equipagens de divisão de 85 metros e uma de corpo de 27 metros.

Existe tambem um batalhão de caminhos de ferro com 5 companhias, uma delas de deposito, uma companhia de especialistas, uma secção de aerosteiros, um grupo de automobilistas, outro de pombos correios, 5 esquadrões de trem, 5 companhias de tropas de saude, 6 companhias de tropas de administração, 11 companhias de guarda-fronteiras (*graniuri*), encarregadas de assegurar o serviço das alfandegas e dos monopolios do Estado.

O corpo de automobilistas voluntarios é comandado por um official superior do activo, auxiliado por um official de reserva, vogal do Club automovel. Os voluntarios devem possuir um automovel de 16 cavalos ou uma motocicleta. Ao decretar-se a mobilização são reembolsados de metade do valor do carro; no final da campanha o Estado entrega o resto da importancia, passando a ser proprietario da viatura.

Os cinco corpos do exercito compreendem, cada um, um estado maior, duas divisões de infantaria com 2 regimentos a 3 batalhões, um batalhão de caçadores, 3 esquadrões de cavalaria, 2 regimentos de artilharia com um parque de munições e um trem de ambulancia divisionaria.

As duas divisões de cavalaria são constituídas, cada uma, por 2 brigadas a 2 regimentos (24 esquadrões) acompanhados de um grupo de 3 batarias a cavalo.

E' para notar o cuidado particular que há no recrutamento e instrução dos sargentos. Existe um corpo especial de sargentos instrutores, denominados *plotonieri*, que se recrutam entre os sargentos, com 6 meses, pelo menos, de antiguidade no postô, e 18 a 20 meses de serviço. Varias escolas especiais

se tem fundado para esse fim em Slobozia (infantaria), Targovishte (cavalaria), Bucarest e Foscani (artilharia e engenharia) e pontoneiros em Braila.

Suecia

Remonta do Estado para o exercito. — A Camara dos Deputados e o Senado reunidas em Congresso, votaram no mês de junho passado, a verba de 336:700 coroas para a instalação de uma remonta do Estado, na Estancia real de Ottenby, sendo esta a primeira instalação duma remonta desta especie que se estabelece no país, tratando de fomentar nele a criação de cavalos puro sangue para o exercito.

Até agora o Governo havia provido ás necessidades do exercito, favorecendo com premios e preços de compra relativamente altos, os depositos de remonta privados. Mas este sistema não deu sufficiente resultado, porque os regimentos não se podiam dotar proveitosamente de cavalos nem pela quantidade, nem pela qualidade.

Por conseguinte, sem suprimir o subsidio e o estimulo aos criadores particulares, foi decidido adotar esta nova solução que apresenta tambem a vantagem de ser mais economica.

Foi além disso resolvido limitar o emprego de cavalos puro sangue no corpo de cavalaria, tendo demonstrado a experiencia que se faz de dia para dia pela guerra actual, como para as mais necessidades do exercito, quer dizer para o serviço da artilharia, trem e para o corpo de engenharia, podem muito bem servir cavalos mestiços, o que representa uma notavel economia, posto que os cavalos empregados para artilharia, trem e corpos de engenheiros constitue cerca de 80 por cento do total.

Com cavalos de tiro para o exercito e industria acham-se no país, especialmente criados, os de uma raça indigena denominado «nordsvenska», ou seja raça sueca do norte.

Quanto a cavalos de puro sangue, o Ministerio da Guerra, apoz alguns anos de experiencia, já poude seleccionar uma raça que os tecnicos afirmam ser otima sob toda a consideração.

Tratar-se-ha assim de conservar cuidadosamente esta raça e preserva-la de qualquer mau cruzamento, afim de servir não só para abastecer directamente o exercito de cavalos de tipo uniforme, de que necessita, mas tambem para prover de reprodutores as remontas particulares que queiram sugerir-se á fiscalização das autoridades militares, e que poderão oferecer os seus potros ao exercito, sem receio de ver, como sucede hoje muito a meudo, regeitados mais de 60 % dos potros apresentados.

DIVERSOS

A guerra de trincheiras nos tempos passados. — A guerra actual, abunda em coisas realmente dignas de admiração, como os submarinos, aeroplanos, dirigiveis... Mas, em compensação existem outras que são tão antigas como a propria guerra.

E' o que sucede com a guerra de trincheiras, que tão importante papel desempenha na luta actual, que tem existido em todas as grandes guerras e que se tem prolongado durante meses e meses quando adversarios igualmente fortes se tem encontrado frente a frente. Mais: salvo modificações, devidas ao progresso, esta luta levou-se a cabo sempre da mesma forma.

Observando com atenção desenhos dos seculos XVII e XVIII, veem-se as mesmas trincheiras em zig-zags, os mesmos caminhos cobertos que unem estas trincheiras com a base de abastecimento e o hospital de sangue, até as proprias galerias subterraneas feitas para chegar até ás trincheiras do inimigo sem que ele dê por tal.

Já em 1749, um brigadeiro francês, Clairac, escreveu um livro consagrado á guerra de trincheiras :

Até os meios de ataque utilizados então, eram parecidos com os de agora.

Ainda antes da invenção da polvora, uzavam-se armas semelhantes aos canhões actuais, sómente em vez de granadas, arremessavam mechas de enorme tamanho, grandes frechas ôcas e com estopa a arder dentro, ou com qualquer outra composição inflamavel.

Com a polvora apareceram os grandes morteiros, percursoros dos obuzes, dos lança-bombas e ainda das metralhadoras, posto que havia morteiros compostos, que em redor de uma bôca de grande diametro tinham outras muito mais pequenas que disparavam quasi simultaneamente.

Vieram depois os aparelhos explosivos, batizados com nomes tão caprichosos como os que actualmente se lhes dá nas trincheiras. Havia serpentões, ouriços inflamaveis, barris incendiarios, barris de composição, etc.

E, quando se ideou a guerra subterranea de minas, apareceram os fornos, e outros engenhos belicosos de guerra.

Mesmo o nome de «marmitas» que os soldados franceses dão a certos projecteis, estão longe de ser uma novidade.

Na Edade-Média, chamava-se «marmitas» a umas vasilhas redondas, verdadeiras caçarolas, cheias de resina e de uma mistura de pez e enxofre, e com uma mecha impregnada destas ultimas substancias.

Incendeiava-se a mecha e com a mão e com uma maquina especial, arremessavam para o ar o recipiente. As maquinas que se empregavam para lançar as «marmitas» eram muito parecidas com as antigas catapultas romanas.

De certo modo estas maquinas vieram a ser as precursoras dos obuzes, assim como as «marmitas» o foram das granadas.

Muitos destes artigos de guerra, ou outros inspirados neles, apareceram na actual conflagração, o que prova que a luta de trincheiras experimentou muito poucas modificações no decorrer dos seculos, e os seus resultados foram sempre os mesmos.

Já dizia Clairac no seu livro, que «um exercito intrincheirado convenientemente produz, sob muitos aspectos, os mesmos resultados que uma fortaleza, pois cobre o terreno, e suprimindo o numero, detem um inimigo superior ou o obriga a combater com desvantagem».

Isto, que se dizia ha tantos anos, tem-se visto demonstrado agora.

Um dos meios de defesa mais simples e primitivos tem sido o de arremessar pedras com uma funda. E' conhecida a destresa dos famosos bésteiros baleares, que mereceu grandissimos elogios dos escritores da antiguidade.

Os gregos usaram tambem uma funda, constante de uma lamina de ferro, larga na sua parte média e delgada nos seus dois extremos. Na «Iliada» só se fala incidentalmente dela; mas, mais tarde, quando os gregos sofreram os efeitos das fundas do exercito de Xerxes, foi adotado em muitas regiões, e nas guerras do Peloponeso, os habitantes do golfo Maliso e da ilha de Rodes distinguiram-se pela destresa do seu manejo.

Os materiais empregados no fabrico das fundas, eram vimes entrançados, cabelos e musculos de animais. Os projecteis eram simples seixos ou bolas de pano cosido, do tamanho de um ovo e pedaços de chumbo em forma de amendoas, com arestas e bicos para que o golpe fosse mais mortifero.

Entre os romanos, os bésteiros formavam com o nome de «censi velati» uma centuria especial; mas os bésteiros, como os archeiros, não foram definitivamente organizados no exercito romano como corpos de tropas baleares ou gregas até depois da segunda guerra punica. Vestiam e «vogzun», em cujas dobras levavam a munição; manejavam a funda com a mão direita, e alguns levavam uma espada e um escudo pequeno.

Nos primeiros seculos da Edade-Média, os projecteis de funda conservaram a mesma forma; mas, para os lançar, usaram varios sistemas.

Embora a invenção da frecha no seculo XII, tirasse muita importancia á funda, nem por isso desapareceram os bésteiros, que deram provas da sua habilidade na defesa das praças fortes.

Actualmente, a funda voltou a utilizar-se nas trincheiras para projectar granadas e bombas de mão.

A guerra como elemento de progresso—O sistema metrico. — Ha algum tempo, tanto as publicações tecnicas inglêsas, como as norte-americanas, occupam-se com interesse do assunto referente á implantação do sistema metrico nos seus respectivos países. Compreende-se, efectivamente, que sendo as guerras actuais eminentemente industriais, a diferença de medidas em uso nos diferentes países haja originado grandes conflitos na construção de material, armamento e munições, sobretudo quando estes elementos não tenham sido destinados ao consumo no proprio país. A' parte isto, as medidas economicas de previsão para depois da guerra, que ninguem ignora que todas as nações tem tomado ou procuram tomar, parece que aconselham tambem a abolição de todos os sistemas empiricos de pesos, medidas e ainda de moedas, substituindo-os pelo racional sistema metrico decimal. Até agora, só ha noticia de que este assunto se agitára na Inglaterra e nos Estados-Unidos; mas, segundo uma informação que ácerca deste ponto publica recentemente *La Nature*, não são sómente esses dois países os unicos em que este assunto está em discussão. A Russia, o Japão, a Turquia e a China, etc., tambem tomam parte no movimento, ou seja para adotarem oficialmente o sistema metrico decimal, ou seja para o generalizar e faze-lo entrar nos usos da pratica.

De tudo isto resulta que a Humanidade marcha, sendo a mesma atravez dos seculos, e se a guerra não é um elemento indispensavel em absoluto para o seu progresso, é pelo menos um elemento acelerador de primeira ordem.

Varias noticias da actual guerra europeia

Os cães na guerra

Os cães tem prestado nesta guerra melhores serviços do que em tempo algum. Na frente occidental, dispõem os aliados cêrca de 600 cães muito bem ensinados, que se utilizam para os mais variados serviços.

A sua destreza em buscar os feridos, tinha-se provado nas guerras ante-

riores, mas mais moderno é o seu emprego como animais de tiro para as metralhadoras, o que tem dado ótimo resultado.

Também os utilizam com frequência para efectuar comunicações e conduzir munições e provisões á linha de fogo.

O ensino dos cães para comunicações, é uma tarefa que necessita muito tacto e paciência.

Começa-se por ensinar o cão a ir e voltar por um pequeno trajecto entre dois pontos distanciados de uns 20 metros, aumentando depois essa distancia pouco a pouco até varios kilometros.

Em França, pratica-se com bom resultado o seguinte método de ensino: No terreno de instrução dos cães, constroem-se valas, e habitua-os a correr pelo fundo delas, até ás primeiras linhas e precisamente a um ponto determinado, onde se tem colocado um disco bem visível a uns 300 metros de distancia. Pouco a pouco, tira-se esse disco até que o cão possa dirigir-se á primeira linha sem ponto de direcção e a distancias consideraveis.

As partes e ordens vão presas á coleira.

Se o cão fôr empregado no transporte de munições e provisões de boca, atrela-se a um carrito e funcionam muito bem como animais de tiro nas trincheiras.

O periodo de instrução dura 20 a 30 dias.

Todavia, onde os cães prestam melhores serviços é nos postos avançados, acompanhando as sentinelas e patrulhas. Nada escapa á sua vigilancia e ladram ao menor ruido.

O auxilio prestado pelos cães é um factor nada para desprezar, pois tem salvo muitas vidas nesta guerra e tem tornado possivel muitas vezes repelir assaltos inimigos, que sem a vigilancia dos cães teriam tido dolorosas surpresas.

Os automoveis de combate

Os automoveis blindados atrairam a atenção nas operações actuais em todos os teatros da guerra. Os carros uzados na França, pesam 5,9 toneladas pouco mais ou menos.

Sobre um possante caixilho, levanta-se uma casamata d' aço de 2^m de comprido, 1^m,9 de altura e 1^m,67 de largo. Nesta construção cabem 6 atiradores, os quais se podem fechar por dentro. Detraz da casamata, encontra-se uma grande caixa blindada para munições.

O assento do chauffeur tem também uma protecção d' aço. A velocidade atinge 20 kilometros por hora.

Outra especie d' automoveis de guerra é munida de uma cupula giratoria d' aço, armada de um pequeno canhão de tiro rapido ou de uma ou varias metralhadoras.

Os ingleses aproveitaram para este serviço automoveis ligeiros de carga, que foram dotados de placas d' aço nos lados. Até agora, os russos empregaram muito pouco este tipo, mas sabe-se que encomendaram 1:000 automoveis de guerra aos Estados-Unidos.

É voz geral em todos os exercitos, que os carros de combate são uteis e que o seu emprego será de uso constante.

Ha sobretudo, dois tipos de carro que provaram serem praticos.

Um deles, é um carro blindado muito pesado, com um canhão de tiro rapido. E' natural que semelhante fortim ambulante, não possa andar senão por bons caminhos, devido ao seu grande peso.

Por esta razão, tratou-se de inventar um tipo mais ligeiro e estão-se fabricando bastantes, cujo armamento e blindagem é de muito menor peso.

Ha tambem razão para crer que os fabricantes desta especie de material, poderão, dentro em pouco, introduzir importantes melhoramentos nos modelos actuais.

Diz-se que ha já automoveis de combate com velocidade de 50 a 60 kilometros por hora e podendo andar por fora dos caminhos.

Se realmente isto fôr verdade, será necessario pensar a sério em um meio especial para se defender de adversarios tão terriveis para as colunas em marcha e tropas em descanço.

A experiencia nesta guerra está demonstrando que o ataque por surpresa e rapidissimo dos automoveis blindados, pode ocasionar sérias perdas e momentos de verdadeiro panico entre as tropas.

(Do *Memorial del Ejercito do Chile*).

II

PARTE MARITIMA

Couaçados insubmersiveis.—Com o fim de preservar, nos limites do possivel, os couaçados, dos efeitos produzidos por um torpedo ou pela explosão duma mina, serão de futuro, de certo, introduzidos os convenientes aperfeiçoamentos na construção e na disposição interior desses poderosos navios de combate.

O engenheiro naval italiano M. Monticelli publicou em um numero recente da *Revista Marittima* um interessante artigo sobre este assunto.

Pode aventar-se o principio, diz, de que um navio protegido contra os torpedos hade ser constituido por um nucleo central, resistente pela sua forma e ainda muito mais pela sua estrutura, que contenha o aparelho motor, os de governo e as principais peças da artilharia, e está ligado mediante uma estrutura de escassa rigidez, á estrutura externa, tambem muito robusta e destinada a absorver, ao deformar-se, toda ou quasi toda a energia da explosão. A realização de um navio desta especie implica uma diminuição de armamento, a não ser que o barco seja de grande tonelagem. Se esta fosse de 26.000 toneladas, o nucleo do navio seria capaz de sustentar um reduto couaçado de 300 milímetros, 4 torres gemeas de 381 milímetros e um aparelho motor de 130.000 cavalos, capaz de imprimir ao navio uma velocidade de 30 milhas.

Estados-Unidos

O Ministerio da marinha recebeu propostas com 12 desenhos para vedetas de motor destinadas a exploração e caça submarinos. Parece que se adotarão dois tipos: o de vedetas costeiras, de 13^m,5 de comprimento e 25 nós, custando 12.000 dollars, armados com uma peça de 37^{mm} e susceptiveis de ser embarcados nas grandes unidades, e os de vedetas de esquadra, de 20^m de

comprimento e 25 nós, custando 28.000 dollars, armados com uma peça de 47mm e com grande raio de acção.

França

Dos novos submarinos franceses de 1.000 toneladas estão em experiências o *Nireide* (motores Diesel) e o *Gustave Zédé* (motores de vapor), tendo este sofrido um grave acidente ; podendo ser considerados como contra-torpedeiros submersíveis, dispõem estes barcos dum importante raio de acção e duma excelente habitabilidade.

Italia

Em 2 de agosto manifestou-se um grande incendio a bordo do couraçado *Leonardo de Vinci* (22.300 toneladas, 1914), fundeado na baía de Taranto, para cuja extinção foram impotentes os esforços heroicos da guarnição, da qual sucumbiram 21 officiais e 227 praças, incluindo o comandante e immediato. Perdida a esperança de dominar o incendio abriram-se as valvulas do fundo, mergulhando o navio que ficou assente numa profundidade de 35 pés.

Foi logo nomeada uma comissão de inquerito para apurar as causas do desastre, cujas conclusões não são ainda conhecidas, parecendo porém não ter sido devido a inflamação espontanea de polvoras ; uma outra comissão tratou logo de tomar as precisas disposições para fazer flutuar o navio.

A guerra naval a 100^m acima do nivel do mar.—Não deixa de ser curiosa a observação seguinte que aponta *La Nature* sob este titulo : «E' o caso que existe um lago (o de Guardia) que está dividido em duas partes muito desiguais pela fronteira austro-italiana, sendo a zona italiana a maior das duas. Esta porção aquatica do territorio austro-italiano, que mede 38 quilometros de comprimento por 16 de largura, é atravessada pelo rio Mincio, que entra nele pelo norte na Austria e sai dele pelo sul em Peschiera (Italia). Em tempo de paz a navegação comercial e de turismo era muito activa entre os portos de Peschiera, Sola e Desenzano ; mas na actualidade estas aguas são sulcadas principalmente por embarcações de guerra. Os submarinos poderiam chegar ao lago em questão pelo rio Mincio ; mas a sua presença naquelas aguas não tem sido notada. Em compensação abundam as canhoneiras italianas, sendo tripuladas por marinheiros comandados por officiais da marinha italiana. Estas canhoneiras tem como auxiliares para o seu serviço hidroplanos, que são encarregados do serviço de saude e vigilancia, o que não deixa de constituir uma curiosidade, e não das menores, da guerra actual, como é, sem duvida alguma, o espectáculo de ver funcionar o material, e o pessoal naval, a 100^m de altura sobre o nivel do mar.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 JEAN BERNARD — *Histoire générale et anecdotique de la guerre de 1914*. Fascicule 7. Sommaire : La corruption allemande en Roumanie. Le Mikado et Guillaume II. L'Union sacrée. Au Saint-Siège. L'Excitation allemande en France. L'Allemagne déshonorée. Les Parlementaires aux armées. Le Nouveau Cabinet. Les Fils de Garibaldi. Héros, fils de héros. Les Belles Familles. Illustrations. Cartes et Plans. In 8, à 2 col., p. 387 à 450. Berger-Levrault. Paris. 1916. Cent. 75
 - 2 *Mitrailleuses (1a) Maxim. Combat de la compagnie de mitrailleuses allemande.* (Traduit du règlement allemand). In-12, 64 p. avec fig. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, 124, boulevard Saint-Germain. 1916. Cent. 75
 - 3 *Mouvements et Transports. Organisation générale du service militaire des chemins de fer et Dispositions diverses.* Volume mis à jour à la date du 28 février 1916. In-8, 20 p. Henri-Charles-Lavauzelle. 124, boulevard Saint-Germain. Paris. 1916. Cent. 25
 - 4 *Règlement sur les sections de mitrailleuses d'infanterie.* (Mitrailleuses et affuts, modèle 1907). Approuvé par le ministre de la guerre, le 25 novembre 1912. Tome 1^{er} Manœuvre et Tir. In 12, 72 p avec fig. Henri-Charles-Lavauzelle. 124, boulevard Saint-Germain. Paris. 1916. Cent. 75
- Ministère de la guerre.
- 5 ROUZIC (abb. L.) — *Théologie de la guerre.* En dix-huit leçons ; 3^e édition. In-16, iv-344 p. Bloud et Gay, libr. éditeurs, 7, place Saint-Sulpice. Paris. 1916. Fr. 3,50
 - 6 *Service des subsistances militaires. Service de l'approvisionnement dans les corps et services.* Volume mis à jour à la date du 1^{er} mars 1916. In-8, 188 p. Henri-Charles-Lavauzelle. 124, boulevard Saint-Germain. Paris. 1916. Fr. 1,25
 - 7 WASHBURN (Stanley) — *Sur le front russe ;* par Stanley Washburn, correspondant de guerre du «Times» près les armées russes. Traduit de l'anglais, par Paul Reneaume. Avec 25 photographies hors textes de Georges H. Mewes. In-8, viii-155 p. Berger-Levrault. Paris. 1916. Fr. 3,50
- La Guerre. Les Récits des témoins.
- 8 *Campagne d'Orient 1916.* 2^e bis de zouaves. Carême, Pâques et Fête-Dieu. Cantiques. In-16, 12 p. impr. G Ferrier et C.^{ie} Tonniens. (Lot-et-Garonne. 1916.
 - 9 *Cercle catholique de Modane. Souvenirs de la Grande Guerre.* 1914-1915-1916. In-16, 16 p. imprimerie J. Salomen. Saint-Jean de Maurienne. 1916.
 - 10 CHAPUIS (commandant F.) — *La classe 1918. Sa préparation militaire.* Edition spéciale. Mars 1916. In-8, 202 p. avec fig. impr. Berger-Levrault. Paris. 1916.
- Tout pour la Patrie !
- 11 FAUCHILLE (P.) — *Voir Guerre (1a) de 1914. Recueil de documents intéressant le droit internationale.* Tome 1^{er} (Documents 1 à 379). 2253.
 - 12 JEZE (G.) professeur adjoint à la Faculté de droit de l'Université de Paris, directeur de la «Revue de science et de législation financières». — *Les Finances de guerre de l'Angleterre.* In-8, 252 p. M. Giard et E. Brière, libr. éditeur, 16, rue Soufflot, et 12, rue Toullier. Paris. 1916.
 - 13 ADAM (M^{me} Juliette) — *Le Général Skobelev.* Avec un portrait. In 8, ix-64 p. impr. et libr. Berger-Levrault. Paris. 1916. Fr. 1,25

- 14 ANDRÉ (commandant d') — *La Signalisation à portée de fusil dans le bataillon*. Préface du général Cherfils. 1916. In-12, 24 p. avec 4 fig. impr. et libr. Berger-Levrault. Paris. Guerre de 1914-1916. Fr. 1
- 15 *Antologie des grands capitaines français. Préceptes et Maximes*; par André Mary. Volume 1^{er}. Une gravure hors texte. Volume 2^e: Vingt-neuf portraits, une gravure hors texte. 1916 (13 mai). Deux volumes in-16 de 64 pages chaque. Impr. et libr. Larousse. Paris. Chaque Cent. 75
- 16 *Artillerie. Service de l'armement*. Volume arrêté à la date du 20 avril 1916. (N.º 19). In-8, 324 p. impr. et libr. L. Fournier 1916 (13 mai). Paris.
- 17 CROUVEZIER (G.) — *La Guerre aérienne. Le Rôle de la cinquième arme. Histoire de l'aviation. L'Aviation des différentes puissances belligérantes. Rôle des avions. Catégories d'avions. Explosifs et armes utilisées par les avions. Tirs contre avions Les exploits de nos aviateurs et des aviateurs alliés pour la suprématie aérienne* Avec 24 illustrations. 2^e mille. In 12, 68 p. impr. et libr. Berger-Levrault. Paris. 1916. Cent. 90
- Pages d'histoire. 1914-1916. 11^e série, k. N.º 98.
- 18 DUBOIS (général) — *L'Artillerie de campagne dans la guerre actuelle, 75 et 90*: Illustration du sous-lieutenant Umbdenstock, professeur d'architecture à l'Ecole polytechnique 1916 (13 mai). In-8, v-263 p. avec fig et planches impr. et libr. L. Fournier. Paris. Fr. 10
- 19 *Lexique médico-militaire franco-allemand de l'Urodonal*. 1916 (13 mai). In 16, 48 p. libr. édit., A. Maloine et fils. 27, rue de l'Ecole de Médecine Paris. Cent. 50
- 20 *Règlement de manœuvre de l'artillerie à pied. Manœuvres de force*. Approuvé par le ministre de la guerre, le 31 juillet 1908. 1916 (29 avril). In-12, 195 p. avec figures. Impr. Nationale. Paris. Ministère de la guerre.

Inglaterra

- 1 DAWBARN (Charles) *Joffre and his Army*. Cr. 8vo, pp. 233. Mills & B. net 2/6
- 2 *From Dartmouth to the Dardanelles. A Midshipman's Log*. Edited by his Mother. Cr. 8vo, pp. 182. W. Heinemann net 1/
- 3 GAEL (Réné) *Priests in the Firing Line*. Translated by H. Hamilton Gibbe and Madame Berton. Cr. 8vo, pp. 243. Longmans net 3/6
- 4 GOULDSBURY (Cullon) *From the Outposts*. Cr. 8vo, pp. 122. T. F. Unwin net 5/
- 5 *H.M.S. Naval Yarns*. By «Ward Room». Cr. 8vo, pp. 150. Hodder & S. net 1/
- 6 HURD (Percy) *The Fighting Territorials*. Vol. II. Cr. 8vo, pp. 136. «Country Life» net 1/3
- 7 IGGLEDEN (Charles) *Out There. Impressions of a visit under the Auspices of the War Office* 18mo, pp. 158. J. Long net 1/
- 8 *Imperial Aircraft Flotilla*. Founded by the Over-Seas Club. Cr. 8vo, pp. 34. Over-Seas Club.
- 9 JANE (Fred T., late) *All the World's Aircraft*. 7th year of issue. Folio, pp. 339. S. Low net 21/
- 10 LIDDELL (R. Scotland) *On the Russian Front*. 8vo, pp. 283. Simpkin net 8/6
- 11 MACKENZIE (W. C.) *War Diary of a London Scot* (Alderman G. M. Macaulay) With a Review of the Year. A. Gardner net 3/6
- 12 MORGAN (Hugo) *Life Among the Sandbags*. Cr. 8vo, pp. 123. Hodder & S. net 1/
- 13 NEWBOLD (J. T. Walton) *How Europe Armed for War. 1871-1914*. 8vo, pp. 108. Blackfriars Press net 1/3
- 14 O'NEILL (Elizabeth) *The War: A History and an Explanation for Boys and Girls*. Volume 4. Royal 8vo, pp. 96. T. C. & E. C. Jack net 1/6

- 15 PALMER (Mabel) *Life Saving in War Time. A Campaign Handbook.* Introduction by Arthur H. D. Ackland. 8vo. Pearson net 1/
 16 PARROTT (Sir Edward) *The Children's Story of the War.* Vol. 4. Royal 8vo, pp. 400. Nelson net 3/6
 17 ROBERTS (Cecil) *A Week with the Fleet.* 18mo, pp. 95. J. Clarke net 1/
 18 ROBINSON (William J.) *My Fourteen Months at the Front. An American's Baptism of Fire.* Cr. 8vo, pp. 286. Hodder & S. net 3/6
 19 SILAS (Ellis) *Crusading at Anzac, A.D., 1915.* Cr. 4to. *British-Australasian* net 2/6
 20 STRONG (Rowland) *The Diary of an English Resident in France during War Time.* Second Series. January-December, 1915. Cr. 8vo, pp. 392. Simpkin net 6/
 21 *Trench Sketching Illustrated.* By «Contour». 18mo, pp. 30. Harrison & Sons net 9d
 22 *Uncensored Letters from the Dardanelles. Written to his English Wife by a French Medical Officer of Le Corps Expéditionnaire l'Orient* Cr. 8vo, pp. 282. Heinemann net 3/6
 23 WALI ACE (Edgar) *The War of the Nations.* Royal folio, pp. 308. *Newnes* net 6/6
 24 WHEELER (Harold F. B.) *Stirring Deeds of Britain's Sea-Dogs in the Great War.* 8vo, pp. 348. Harrap. net 5/
 25 YOUNG (Robert E.) *Boy Scout Tests and How to Pass Them.* New ed. Cr. 8vo, pp. 665. J. Brown. net 2/6
 26 YOUNG (Robert E.) *First Steps in Scouting.* Cr. 8vo. swd, pp. 64 J. Brown net 2d
 27 *Badges and their Meaning. A Companion to Rank at a Glance.* Cr. 8vo, pp. 48. G. Philip net 1/
 28 BELLOC (Hilaire) *A General Sketch of the European War. The Second Phase.* Cr. 8vo, pp. 404. Nelson. net 6/
 29 BERRY (James) and Others. *The Story of a Red Cross Unit in Serbia.* 8vo, pp. 308. J. & A. Churchill. net 6/
 30 *British, French, Russian, and German Warships.* Names, Dates, etc. Cr. 8vo. pp. 16. Mayfield Press. net 3d
 31 CHURCHILL (Right Hon. Winston) *The Fighting Line. Two Speeches on the Army* 8vo. Macmillan id
 32 CLARKE (G. H.) Edited by. *L'Armée Française sur Le Front*, par Franc Nohaire et Paul Delay. 18mo. Clarendon Press net 6d
 33 CLOSE (Percy L.) *A Prisoner of the Germans in South West Africa.* Cr. 8vo, pp. 318. Unwin net 6/
 34 COMPTON (J. E.) *True Illustrations from the War* 18mo, pp. 82. *Allen-son* net 1/
 35 CRAIG (E. S.) *Oxford University Roll of Service, 1916.* 2nd ed. 8vo. Clarendon Press net 2/6
 36 CRANE (Stephen) *Pictures of War.* Cr. 8vo, pp. 150. Heinemann net 1/
 37 CREIGHTON (Rev. O.) *With the Twenty-Ninth Division in Gallipoli.* Cr. 8vo, pp. 205. Longmans net 3/6

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 9 de setembro de 1916. Aplicação da maquina Diesel á propulsão marítima. Perda e restauração da Baía — 1624-25. Estudo tactico do navio. Os acontecimentos da actual conflagração. Marinhas militares.
- 2 *Boletim da administração militar*, n.º de outubro de 1916. As subsistencias no exercito anglo-luso durante a Guerra Peninsular — Talavera, 1809. Noticia historica do pessoal e serviços de administração militar. Cosinhas de campanha. Administração militar em Italia. Fi-

- nanças de guerra. IV. — No conflito balkanico. Abastecimento de pão nos exercitos franceses. Reformas no exercito espanhol. Instrução tactica das tropas de administração militar. Miscelanea.
- 3 *O Instituto*, n.º de outubro de 1916. O Fausto de Goethe. Memorias archeologico-historicas do districto de Bragança Historia da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Memorias de Carnide. Caligrafos e iluminadores portugueses. Antigas posturas da Camara da vila da Horta da ilha do Faial.
 - 4 *Revista aeronautica*, n.º 1 de janeiro a março de 1916. Os primeiros aviadores militares portugueses. Visita do Aero-Club de Portugal á Escola de Aeronautica militar — Regulamento da Escola de Aeronautica militar. Escola superior de aeronautica e construções mecanicas de Lucerne. Aeronautica em Portugal: Officiais portugueses numa escola de aviação inglesa. Nomeação do comandante da Escola de aeronautica militar. Louvor á comissão de aeronautica militar. Nomeação da comissão tecnica de aeronautica militar. Vôos de portugueses em Paris.
 - 5 *Revista de artilharia*, n.ºs 147 e 148 de setembro e outubro de 1916. Estudo sobre defesa das costas. A tactica e a tecnica da artilharia de campanha. Retalhos da guerra. O collegio militar.
 - 6 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 176 de outubro de 1916. O hospital veterinario do Campo Grande. Conferencia sobre medicina veterinaria colonial. La fièvre ondulante.
 - 7 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 19 e 20 de 15 e 31 de outubro de 1916. No 6.º aniversario da Republica. Promoções no exercito. Promoções. O futuro dos sargentos de marinha. Orféon do 3.º batalhão de infantaria n.º 21, Hino de guerra. Mallite! A pintura militar em Portugal. A vida aparente dos mortos em batalha. Uniformes na armada. A honra de Portugal na guerra. Doutrinando... Grande fusil. Exercito colonial — Instrução a sargentos. A carestia da vida. Secretariado naval. Despedida. Sem titulo. Gazes asfixiantes. Ingresso dos sargentos das colonias no exercito da metropole Problema tactico.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 284 de setembro de 1916. Artilleria de grueso calibre. Consejos sobre táctica. Ferrocarriles nacionales — La rede del Estado y las tropas de ingenieros. Producto nacional — De aplicacion para el peso de cursos de agua. Noticias oficiales.
- 2 *Revista del circulo militar*, n.º de setembro de 1916. El avance de la infanteria en relacion con el fuego de artilleria. Cada un en su puesto. Importancia de la zona de etapes del punto de vista sanitario militar. Apuntes sobre la radioactividad de la materia. A proposito de algunas reflexiones sobre el servicio obligatorio.

Brazil

- 1 *O Tiro*, n.ºs de setembro e outubro de 1916. «O Tiro» n.º 7. General Faria. As armas! O homem que queria ser importante. Projecto para reorganisação do Tiro brasileiro. Secção tecnica. Uma festa patriotica. A liga de defeza nacional. Granada de mão.

Cuba

- 1 *Boletin del ejercito*, n.º 7 de setembro de 1916. Fabrica de polvora de «Du Pont». Tanque de lona para observar caballos. Organizacion del Estado Mayor — Ideas preliminares. La organizacion del Alto mando del ejercito en campaña de Austria-Hungria. Administracion militar. Tiro de combate en la infanteria. Metodo de trabajo de la seccion

de historia del Estado Mayor general. El origen de una curiosa costumbre. Miscelanea.

Espanha

- 1 *Boletin de intendencia e intervenció militares*, n.º 59 de outubro de 1916. Posible aplicación del gas pobre al caldeo de hornos. Los ejércitos de Carlos V, Emperador juzgados por los Embajadores italianos. Algo sobre lubricantes. La reglamentación de la harina en Francia. Los transportes automóviles en la guerra. Por la Administración militar española. La guerra y los ferrocarriles alemanes. Transportes de medicamentos y material de hospitales. Reconocimiento de tejidos de lona y algodón.
- 2 *La guerra y su preparación*, n.º de outubro de 1916. Operaciones en Russia. Reglamento para las maniobras del ejército japonés. Una visita a la península de Gallipoli. Organización de los servicios logísticos en el ejército italiano. Los aeroplanos del ejército alemán. Consejos a los infantes para la batalla. El combate en la trinchera. Sanatorio penitenciario de Witzwil.
- 3 *Memorial de artillería*, n.º de outubro de 1916. La artillería pezada de campaña. Ligeras ideas acerca de telografía sin hilos. Las alturas de explosión en la Artillería de montaña. Projectores de costa. Crónica.
- 4 *Memorial de caballería*, n.º de outubro de 1916. El ejército inglés. Don Diego de León. Carta abierta. Debesas de la provincia de Cádiz. Impresiones personales y verdaderas acerca del curso de la Escuela de tiro del Arma. Crónica de la guerra. Revista de revistas. Regimiento de Cazadores de Alcantara. Escuela de equitación militar. Africa. Deportes hipicos.
- 5 *Memorial de infantaria*, n.º 57 de outubro de 1916. Armamento, explosivos, municiones y material. Tactica y tiro. Arte militar. Historia y geografía militares. Miscelanea.

Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States artillery*, n.º de setembro-outubro de 1916. Quartering and provisioning coast defense garrisons in time of war. Fire central system and field potting board for indirect laying of seacoast guns and hose of the mobile artillery. Project for coast defenses. A modified time-range board. Electrolytic alternating current rectifiers. Range travel seh forward device. Cleaning mine eases.
- 2 *The International Military Digest*, vol. 2.º, n.ºs de setembro e outubro de 1916.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.ºs de julho e setembro de 1916. Nuovi tipi di cavallerizza caperta. La stabilità dei muri isolati avendo riguardo alla pressione del vento. Riassunto delle nostre operazioni militari. Dati e cenni su materiali dell'artiglieria austro-ungarica. L'influenza della diminuita densità dell'aria sulla traiettoria dei proiettili lanciati con grande velocità iniziale e con angolo di tiro prossimo. Sviluppo dell'impiego dei grossi calibri como artiglieria mobili e delle metragliatrici nella presente guerra europea.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de outubro de 1916. Forza numerica degli ufficiali dell'arma di cavalleria. De un mese all'altro. Cronisteria delle azioni della cavalleria nella guerra delle nazioni. Introduzione a un possibile futuro lavoro. La battaglia della Marna in un libro tedesco! Un soldato giornalista. In memoria.

Mexico

- 1 *Tohtli*, n.º 9 de setembre de 1916. Adhesión patriótica de la Raza. Una carta que nos honra. Escuela. El aeroplano en Europa. Aprendiendo a volar. La fama de la Hélice «Anáhurac» llega al Extranjero. La guerra aérea. Por la conquista de la gloria. Técnica — El trabajo útil y el rendimiento propulsivo en las hélices aéreas. Un nuevo empleo para los aeroplanos. Artillería viviente. El idioma castellano.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º de setembre de 1916. Krigen XVI. Admiral von Lecheers rapport on slaget i Nordsjeen. Sjøsleget ved Iylland. Feltingeniørskale.

Peru

- 1 *Boletín del Ministerio de guerra y marina*, n.º de julio de 1916. Conferencias dadas en la Academia de Estado-Mayor. Preparación del tiro. Un viejo artículo... (previsiones sobre el carácter de la guerra actual). La organización del ejército chileno en la guerra del Pacífico.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.º 10 de setembre de 1916. Impressions de front austro hongrois. A propos de discipline. Trois cas de confusions politiques dans la conduite des armées.

Uruguay

- 1 *Revista del Centro militar y naval*, n.º 149 de setembre de 1916. Entrega de la Cruz de la Legión de Honor al señor Presidente de la República, con la cual ha sido condecorado por el Gobierno de Francia. Derecho de los militares a formar parte del Parlamento. El 25 de Agosto en nuestra casa. El odio argentino hacia Artigos. Notas sobre el Ejército del Brazil Decreto por el que se dispone al casa de la Comisión de Límites con el Brazil. Renovación parcial de la Comisión Directiva. Saludos de confraternidad. Disciplina contemplativa y disciplina absoluta. Las condecoraciones a los tenientes aviadores Boisso Lanza y Saenz Lacueva. Interesante tarjeta del teniente coronel don Enrique Jaurogui, referente a su libro: «Asegurar la Paz?». Sobre castigos disciplinares. Las leyes de la guerra.